



**UM DIA
ESCREVO
UM
...LIVRO**

Salomão Selton Domingos

UM DIA ESCREVO UM LIVRO

Salomão Selton
Domingos

Ficha Técnica:

Título: *Um dia Escrevo um Livro*

Autor: *Salomão Selton Domingos*

Editora Digital: *Água Preciosa*

Texto: *Calibri 12*

Capa: *Salomão Selton Domingos*

Revisão dos Textos: *Mille Tavares*

SUMÁRIO

Dedicatória. Pág.6

Prefácio. Pág. 8

Capítulo 1- A arte de começar. Pág. 10

Capítulo 2- Re(Começos). Pág. 29

Capítulo 3- Senhoras e senhores... o quase nunca bem-vindo amor! Pág. 40

Capítulo 4- O que me permiti ser. Pág. 49

Capítulo 5- Olá amor, sou eu de novo! Pág. 54

Capítulo 6- Cada um sabe de si. Pág. 71

Capítulo 7- Um brinde a nós! Pág. 86

Capítulo 8- Chamo de... perspectivas! Pág. 117

Capítulo 9- Memórias de um apaixonado. Pág. 132

Capítulo 10- Catalisador. Pág. 168

Capítulo 11- Sobre o Autor. Pág. 179

Dedicatória

À minha gente

Essa gente do Lubango

Gente crente

E do sorriso amarelado

À minha gente

Essa gente que abraço

Essa gente vaidosa

Essa gente que amo

À minha gente

Gente batalhadora

Gente que cai

Mas, gente ganhadora

À minha gente

Gente nossa

Da fala eloquente

Da poesia e da prosa.

Prefácio

Se estás a ler isto, então, eu fui inspirado, fui iluminado com coragem para fazer o que um dia almejei: passar para a folha de papel o que corria em minhas veias, o que me tira alegria, o que me apaixona, o que me faz sorrir, o que me tira o sono, o que me rouba a paz e o que me faz levantar da cama todos os dias para tentar fazer diferente. Todo artista precisa de inspiração para que se encontre em algum ponto em que abandonou a si mesmo. E a inspiração precisa do artista, para que flua, para que se deleite em suas peripécias, para que transborde, para que vire alegria, para que vire luz, para que vire dor, ou mesmo para que vire trevas. É uma manifestação pura e poderosa da natureza humana, que amamentou de seus generosos peitos, gente como *PePETela* do Maiombe e *Shakespeare* do “Ser ou não ser? Eis a questão”. Durante a leitura poderás várias vezes te identificares com o que poderás ler, somos, pois, todos diferentes e semelhantes em nossas diferenças. *William Shakespeare* disse que nenhum legado é tão rico quanto a honestidade e, fui o mais honesto quanto possível nesta obra, no meu legado. Outros sonharam seus sonhos, eu sonhei um dia escrever um livro.

I

A ARTE DE COMEÇAR

Take 2! Não é um filme ou um guião do mesmo, é a segunda vez que escrevo os primeiros capítulos desse livro, nos anteriores ou na primeira vez, a *Estrela* disse que estavam carregados de um teor muito pessoal e, de facto, havia alguma razão no que dissera. Deixem que vos diga de antemão que eu quis vender esta obra, e não disponibilizar de forma gratuita, porque uma vez alguém disse que “*não dá para colocar preço na arte, é das poucas coisas inestimáveis no mundo*”. E sendo a arte inestimável porquê fazer dela um colar de diamantes e colocar em volta do pescoço de um porco que não saberá dar valor à peça que carrega consigo?! É um desprezo ofensivo à criatividade do artista! Permitam a analogia.

Não quis escrever sobre romance, romances são sobrevalorizados hoje em dia, romances ao serem escritos deveriam ser sentidos e não forçados, como se tem verificado ultimamente. Talvez seja por isso que muitos dos que são escritos hoje em dia sejam parecidos tanto em abordagem como em desfecho, só mudam os cenários e personagens, porém, o rótulo “clichê” está estampado neles em

letras garrafais, vê apenas quem observa com olhos de ver. No entanto, há quem diga que o clichê ainda é delicioso.

Este livro foi rejeitado pelo menos umas cinco vezes, tais vezes distribuídas por cinco diferentes editoras, parece que romances vendem mais no mercado literário, contrariando o que escrevi no parágrafo anterior, embora os mesmos rondem na mesmice que nos habituaram a ler e reler vezes incontáveis. Na verdade, não estou chateado ou algo parecido enquanto coloco essas palavras negras no branco da tela do meu computador. Por mais que o conteúdo desse parágrafo dê a entender isso, estou tranquilo, ouvindo música gospel e degustando meu chá, confinado no escuro do meu quarto.

Alerta de *spoiler*! Isto não é um daqueles *bestsellers* empolgantes, provavelmente nem mais de mil vezes será visualizado, talvez metade apenas, quanto à outra metade é bem provável que faça o *download*, e provavelmente outra metade desta mesma metade nem chegue a ler mais de dez páginas. Era suposto, desde o princípio, vender este livro (Risos).

Estava eu sentado num dos bancos de um táxi enquanto o dia se recolhia para dar espaço à noite

num crepúsculo delicioso de se observar, e eu, também, à semelhança de muitos dentro daquele carro, regressava à minha casa, ao meu aposento real. A correria nas ruas era bem notável, as senhoras *zungueiras* bem atentas aos movimentos de qualquer um que poderia ser um freguês, despachavam suas mercadorias ao preço mais baixo possível, com aquelas frases engraçadas e amistosas que ecoavam naquelas ruas esburacadas quase infinitas.

No mesmo táxi em que eu me encontrava tocava a música “*Alma gêmea*” dos cantores *Halisson Paixão* e *Filho do Zua*, o motorista cantava, não tão bem, muito desafinado, diga-se. Porém, eufórico, como que se tivera lembrado do seu amor, quicá! Num dos bancos de trás ouviu-se uma voz meio desgastada pelo implacável tempo, e em tom crítico arrastando um sorriso sarcástico atirou “... *eles são jovens demais para cantarem sobre isso! É necessário ser muito vivido para cantar sobre este tipo de coisas, é coisa de gente que viu muitos luares e viveu muitos cacimbos huilanos, pirralhos não cantam sobre isso!*” Todo mundo sorriu, inclusive eu. O cobrador atirou “Txé papoite! Isso é bengala!” Mas no meu âmago discordei, claramente! Então, acredito que no entender do pacato cidadão eles deverão esperar envelhecer para que

comecem a fazer o que almejam, certo? Precisam, de certo modo, ganhar muitos anos para equilibrar a balança de experiências e tempo, para saberem das coisas, ignorando os conceitos de idade cronológica e experiencial, porque alguém o disse, porque foi determinado pelo velho senhor! E tal como nos é transmitido de geração-a-geração *“mais velhos têm sempre razão, em suas bocas podem faltar dentes, nunca sabedoria”*. Comentários do género são veneno para mentes sonhadoras, permita-te, toma tuas próprias decisões e não deixes que te digam o que deves ou não fazer, quando tu fazes és criticado, quando te absténs de fazer, és criticado ainda mais. As pessoas amam julgar, as pessoas são apaixonadas por criticar aquilo que não compreendem e aquilo que não têm coragem de fazer. As pessoas são simplesmente sonsas, quase sempre. Não sou teu *coach* motivacional, não precisas tirar teus últimos kwanzas do bolso para ouvir algo que já deves saber, provavelmente. Mas chama isso de lição, ou refrescamento da memória.

A maior parte dos livros são escritos por letrados, professores, psicólogos, mestres e doutores de várias áreas do conhecimento. E por cá, na nossa banda, existem aos montes donos de tais títulos, pelo menos é o que dizem sempre em tom de

gabarolice. Eu? Sou apenas um aventureiro, um excelente curioso, idiota para algumas mulheres, que tem uma queda por poesia e futebol, mais por futebol na verdade! E que num belo dia acordou, sentou-se no seu beliche com mais de uma década, e antes de ir ao quarto de banho, idealizou: “Um dia escrevo um livro!” E aqui estamos nós!

Fiquei horas sem saber o que escrever, sobre o que falar e sobre como começar. Eram muitas ideias juntas, e quase nenhuma capacidade para desenvolver tanto tais ideias. É um livro meio desorganizado, com alguma intenção, de alguém que detesta fazer a sua cama nas manhãs em que acorda.

Não sabia mesmo como começar (Risos). Que atire a primeira pedra quem sabia quando começou a escrever seu primeiro livro! É muito complicado ao que parece, dos livros que já li, vi neles um céu estrelado de palavras, e fico a questionar-me: como conseguem? De onde surgem tantas palavras? Que musa é essa que os tem inspirado? Meu repertório pode fazer o mesmo por mim? Serei verborreico o suficiente? E essa musa, onde a posso encontrar? Sei não... é meio difícil começar a escrever e em momento nenhum se desviar do foco, da essência do que se escreve, percebem-me? É como estar com a mesma mulher durante décadas! Pergunto-

me, como conseguem? Continua sendo amor ou é apenas um se suportar por já estarem juntos há tanto tempo e não existir moral alguma para terminar uma relação que gerou alguns rebentos? Porque no início o solo é fértil e a vontade de cultivar é grande, a água é fresca e as forças, bem, essas ilusoriamente nunca se esgotam quando se está no início de algo. Os beijos são mais doces e quase nos roubam todo o fôlego, os abraços são refúgios e têm a frescura de bálsamo, os sorrisos no final de cada dia fazem querer estar ao lado dessa pessoa para sempre. Para sempre, como as promessas feitas no calor do momento, no mar de emoções e algumas vezes antes de um orgasmo, ou depois, dependendo da libido. Várias palavras são ditas, várias juras de amor são confeccionadas, e o vento, justo que é, leva o que é frágil, as estruturas fracas e mal preparadas, o que nunca foi eterno. Alguém disse certa vez disse *“esqueçam essa coisa de ideia original, é cada vez mais um pensamento obsoleto, isso quase já não existe! As pessoas já escreveram quase tudo sobre tudo, apenas escreva e seja cativante enquanto vais desenvolvendo tais ideias, do teu jeito, à tua maneira.”*

Penso que quando se escreves um livro, deves pensar em primeira instância num título, ou numa ideia para que te foques nela durante todo

processo de criação, mas é certo também que títulos nos limitam, quem se descreve se limita, não sei quem o disse pela primeira vez, mas é certo que virou hino dos desinteressantes. Quiçá ao se descrever o espaço para a imaginação é devorado logo quando vemos um rótulo citando nossa composição, mas uma ideia inicial é importante sim, para que não escrevamos de forma perdulária, porque *“textos longos aborrecem”*, pelo menos são os dizeres da gente da minha geração.

Aparentemente escrever um livro é mais fácil do que manter uma relação, é mais fácil do que fazer as pazes depois de uma tentativa de diálogo pouco conseguida, ou ainda mais fácil do que pedir desculpas mesmo quando és quem mais erra. As páginas onde te depositas não te vão apontar o dedo, és um tirano por lá, ninguém te ousa contrariar, mas a mente é traiçoeira, então, é a exceção para essa regra, ainda assim, errar é humano, têm dito por aí, certamente para justificar seus fracassos, dirigindo a culpa ao Criador que os fez, livrando-se de qualquer responsabilidade dos seus actos errôneos. Quem nunca fez e disse coisas de cabeça quente? Quem nunca mentiu para enganar a si mesmo? Vestindo-se de uma falsa covardia que se recusa aceitar que a vida nunca será um mar de rosas e que as pessoas não são

perfeitas e que falham mais do que acertam?! Prazer, somos humanos e amamos mergulhar na piscina do conformismo. Mas enquanto humanos temos o poder e a capacidade de transbordarmos, evoluir, transcender para o melhor, as larvas descobriram isso antes de nós, e fizeram-se borboletas.

Somos humanos, e temos a nossa vida pré-programada; estudar, conseguir um emprego chato ou dos sonhos no Estado ou virar um empresário de sucesso, é relativo. Casar-se, ter filhos, construir uma casinha ao pé das casas de nossos familiares para que possâmos pedir um copo de sal ou terminar de cozinhar em suas casas quando nosso gás de cozinha terminar. E quando tivermos que sair pela manhã, para nossos empregos frustrantes, deixarmos nossas pequenas crianças com a vizinha que por força da convivência acaba sendo mais uma tia para a criança. Mais uma senhora na vasta lista de familiares que temos por pura consideração. Bem, viver em África é assim. Somos todos aves da mesma plumagem e mamamos nos mesmos seios.

Devem ser escritas quantas páginas para que se considere um livro? Sim um livro! Como livros de gente grande! Cansei de desperdiçar palavras escrevendo sobre amor, na maior parte das vezes me sentia hipócrita por defender coisas que eu

mesmo ria delas, e por dar conselhos que nem eu próprio os acatava. Ou então escrever sobre como devemos lidar uns com outros, afim de nutrir nossos laços afectivos. Cansei de escrever para a geração “Redes Sociais”, cansei de escrever para gente que vive do “Like e Adoro”, cansei de escrever para os que usam máscaras, e para os narcisos como eu, essa gente do texto pronto e texto rápido como comida de plástico que nos oferecem alguns quilos de brinde. Cansei de escrever para essa gente que tem preguiça de ler textos com mais de um parágrafo. Cansei de mostrar às pessoas que palavras são importantes! Deveras, o mundo foi feito (também) com palavras! As escrituras sagradas provam-no em *Génesis*, mas ainda escrevo, ainda cá estou, tentando mudar mentes, somos todos catalisadores de mudanças de pensamento e consequentemente de mudanças de comportamento.

E quando se escreve, devem-se usar obrigatoriamente palavras “bonitas” ou linguagem corrente serve perfeitamente? Quem gosta de perfeição? Que o Senhor Deus me perdoe por indagar isto, mas cá entre nós terrestres em tom de cochicho, quem aprecia a perfeição? A perfeição é chata, aborrece, é monótona, não proporciona surpresa, é previsível demais. Não tem emoção,

não provoca calafrios, não deixa a pele irritada e não provoca borboletas no estômago. Diz-me, vale mesmo a pena viver assim? Sem o frio na barriga e as borboletas no estômago; sem a sensação de que tudo pode dar errado, mas ainda assim depositar fé em sua causa... porque é na capacidade de perder, mas ainda assim lutar que está a grandeza. Digo, imperfeição é o novo perfeccionismo, tal como o conformismo é o novo tabagismo. Ou serei só um ser imperfeito tentando puxar a brasa para a minha sardinha? Bem, seja o que for, devemos ser donos da nossa forma de pensar, é isso que nos define como gente, é assim que se constroem personalidades fortes; marionetas não têm poder sobre ninguém, não influenciam, são influenciados, não criam ondas, limitam-se a segui-las.

No futebol moderno foi introduzido há poucos anos o Vídeo-árbitro (VAR) que tem como finalidade alertar ao árbitro principal e o restante da sua equipa para assinalar as situações que passam longe dos seus olhos nus, desde golos ilegais, faltas passivas de cartões amarelos ou vermelhos, e mais. Vários jogadores vieram à tona para reclamar desse sistema de auxílio aos árbitros, porque o futebol é lindo por ser o que é, imperfeito! O jogador egípcio *Mohammed Salah* ainda há poucos dias disse que o futebol é bonito

por ser imperfeito, por ter as suas “injustiças” e as suas falhas, e que o VAR veio tirar parte da beleza disso.

São essas falhas que tornam o futebol emotivo, nós amamos a imperfeição! O mesmo se aplica às nossas relações amorosas, familiares e amigáveis, estas são o que são por não serem perfeitas, por não serem mecanizadas e previsíveis demais, por não ter um botão para recuar e ver onde falhamos e conseqüentemente corrigir esse erro, o que, de facto, seria maravilhoso, porém, são tais erros que nos tornaram maduros, sem erros a pessoa não amadurece, isso é um facto. Um bebé precisa cair vezes sem conta até que aprenda, de facto, a andar. Se não cometéssemos erros não teríamos maturidade sequer para falar sobre maturidade, nós evoluímos com o fruto dos nossos erros e estes mesmos erros nos preparam para a vida.

A beleza não está apenas nas palavras bonitas ditas ao pé do ouvido, a beleza também está no que se pode ver, no que se pode sentir ou ouvir das coisas ao nosso redor. No pôr-do-sol, e no seu nascer. No viver, no sorriso contente, no bem querer, no te querer e poder te ter. A beleza está na brisa transformada em poesia, nos beijos roubados durante a noite e nos abraços oferecidos durante o dia. A beleza está na escrita singela e honesta, na

mão do poeta, nas cores do todo, quando todos dias acordo. Lembrei da saudade, e tudo já não é tão belo assim, mas faz parte do vendaval de sentimentos, faz parte do cocktail de desejos, e do buffet de receios. A beleza está no poder acordar todos as manhãs, no sentir o vento esbarrando no rosto e o calor do sol sendo estampado na pele, mas nem todos os dias são belos, o sol às vezes esconde-se por trás das núvens, a dor e a solidão são companheiras, e é cada vez mais difícil ser o que se é nessa sociedade que exige demais de nós e retribue quase nada, quase sempre.

E quando pensas diferente és um alvo a abater, quando diverges dos que convergem, quando pensas por conta própria e quando te dispes da falsa humildade que muitos dizem ter. Tornas-te socialmente incorrecto e insensato, e em momento nenhum deles elogiar a ti mesmo, vão chamar-te de convencido ou arrogante, sendo um bocado mais radical. Então, eles vão aparecer com “críticas construtivas”, porque eles vão tentar de alguma forma abalar as estruturas de personalidade própria que vens construindo, isso incomoda aqueles que vivem como bandeiras, que vivem segundo a direcção do vento. Essas “críticas construtivas” são presentes envenenados, são presentes gregos, verdadeiros cavalos de tróia.

Nem toda mão que é estendida para ti é para ajudar, muitas vêm para te afundar ainda mais. Nem toda pessoa que pergunta pelas coisas boas e más que tens passado realmente importa-se contigo, não passam de um bando de curiosos na sua maioria, que perguntam apenas para saciar a sede ilusória de ter controle sobre a vida alheia. Temos ouvido que quando a esmola é demais o santo deve desconfiar. Então, confie desconfiando!

Não dá para continuar vivendo assim, digo, devemos ser mais verdadeiros connosco mesmos e para com os outros, por quê deixar de elogiar alguém que realmente merece? Beijar e abraçar é melhor do que apontar o dedo, a hipocrisia ainda é negativa e a solidariedade virou moda dos que na verdade querem ser mais notados do que realmente querem ajudar. Queremos todos ser fazedores de opinião (que nem é opinião, mas sim críticas, afrontas...), queremos comentar sobre vidas alheias e sobre o que em nada nos diz respeito, mas isso é só meu ponto de vista, mas meu ponto de vista pode influenciar, pode moldar e transformar. Pode fazer-te levantar da cama e querer fazer diferente hoje! Sim, hoje mesmo! É o único dia que temos para fazer algo que realmente vale a pena, algo que pode mudar vidas, é o único

dia em que o poder da mudança e da revolução nos pertence.

Antes disso tudo, antes de sair de casa para transformar mentes e conquistar corações, arrume a cama e lave a loiça. No meu caso, já não tem volta, a minha mãe cansou-se e caiu no conformismo no que diz respeito à arrumação da cama. Sei o que devem estar a pensar, “como é que ele nessa idade ainda precisa que a mãe o mande arrumar a cama?”, *“como é possível ele escrever um livro, organizar palavras, mas não organizar quatro pedaços de madeira e um colchão no qual ele se deita todas as noites, e que se calhar até já fez algumas raparigas deitarem-se nela?”* Bem, para isso nem sequer ainda inventei resposta, mas quem sabe no próximo livro até fale a respeito disso ou até fale dos tempos em que me senti orgulhoso por ser o advogado da procrastinação, já que a preguiça é considerada por muitos a mãe do desenvolvimento ou da invenção. Quem sabe no próximo livro fale mais sobre os pensamentos que invadem minhas noites quando encosto minha cabeça no travesseiro, quando penso no futuro que promete mas nunca chega, e que certamente não nos pertence e nunca pertenceu. Penso no que poderia ter dado certo mas o universo preferiu que não fosse assim, como se eu ou algum antepassado

meu tivesse atirado pedras à cruz, porque às vezes pagamos pelo fruto que não pegamos, erramos, somos frios, somos simplesmente desumanos.

Quem sabe ainda fale um bocado sobre o que é dito ao respeito da falsa crença dos ateus no próximo livro ou mesmo neste, que quando expostos a situações extremas é a Deus a quem desesperadamente pedem auxílio. Como quem sem vergonha na cara cospe no prato em que come, não se cospe ao ar, ninguém é plenamente autosuficiente. Como se acordasse todas as manhãs por mérito próprio, esquecendo-se ou de forma ingrata negando o facto de estar vivo porque Alguém o quis vivo. Segundo os dizeres, ou também, ainda fale sobre o livre-arbítrio, a famosa liberdade que Deus nos cedeu, mas somos livres mesmo? Somos nós, donos e senhores de nossos destinos, ou é tudo um plano traçado pelo Divino? Porque se fôssemos livres, teríamos a liberdade de escolher entre O seguir ou não O seguir, entre O adorar ou não o fazer. As pessoas transmitem a ideia de que vivem a vida cristã com algum medo de ir ao inferno, e não vivem a vida cristã por simples querer, é qualquer coisa como “Deves adorar-Me ou então, morres!”. Liberdade é a dádiva de escolher teus caminhos sem a força de coação a pesar sobre teus ombros, mas se

aprofundarmos essa questão vamos entrar em lugares indesejados, seremos chamados de ateus, vão questionar nossa fé e queixarem aos nossos pastores (Risos). Mas fique por aí, ainda falaremos um bocadinho mais sobre isso, provavelmente seremos apedrejados e crucificados porque para essa nossa gente esse tipo de assunto ainda é tabu.

Tabu como a sexualidade, sexualidade que descansa nos lugares mais recônditos de nosso ser quando nos é solicitada a opinião sobre o assunto, quando trancamos a cara, quando o assunto é discutido pelos nossos pais, ou em palestras e pregado pelos nossos pastores nos púlpitos dos nossos frios templos, mas assunto preferido nas famosas confissões da madrugada, com quem se quer estar naquele momento, com quem se quer abraçar esse desejo carnal e fortemente energizado. Mesmo desejo que destrói lares, culpa da infidelidade de nossos progenitores, que com uma desculpa esfarrapada alegam que o problema é das suas esposas que já não se cuidam mais como antes, que já não investem no relacionamento como antes. Dizem eles. O mesmo se aplica às mulheres, essas que acabam por ficar grávidas na adolescência por pura negligência e\ou falta de informação, algumas vezes, infelizmente, vítimas de um estupro.

Quem quer homens santos chegou atrasada, faz tempo que Jesus Cristo passou pela terra e não deixou ninguém parecido a ele, e quase já não se fazem mais homens acima da média, já quase não se fazem mais homens íntegros. Mas mesmo que existissem homens “santos” acredito eu que as mulheres na sua esmagadora maioria não os desejariam, porque o que leva muitas mulheres a gostarem de filmes de terror e de “*bad boys*” é o mesmo motivo, adrenalina! E, creio eu que esses mesmos homens “santos” não proporcionariam isso a elas por conta da vida calma que levam. Não me percebam mal, ser santo não é problema algum, muito mas muito longe disso, mas nos dias de hoje, para elas, é qualquer coisa como uma característica descartável, infelizmente.

Cá entre nós, até aqui, nunca fui um namorado excepcional, mas tentei. Na caminhada para tal, devo ter me perdido no ponto em que achei que ter uma namorada bonita fosse melhor do que ter uma namorada que me compreendesse, que fosse compatível às minhas manias e problemas mentais, alguém que fosse suficientemente corajosa para lidar com as minhas crises de impaciência, isolamento e orgulho (esse último já me colocou várias vezes em sérios problemas). Alguém que estivesse lá para mim nas tardes de domingo, pois

é quando a saudade aperta mais, e a carência por um abraço perfumado com essência feminina faz-se sentir de forma notável cá nos meus pensamentos. Ainda assim, eu já tive bons amores, cada uma especial à sua maneira, não as comparo porque cada uma possuía a magia para arrancar um sorriso sincero de mim, cada uma me fazia transbordar de alegria. Embora algumas pecaram ao me tentarem mudar, pecaram ao me tentarem possuir, quem ama deixa livre, possuir é o oposto de amar, e nesse contexto, tentar fazer com que a pessoa em questão mude é antónimo de aceitar a pessoa tal como ela é. Porque cada um conhece bem a delícia de ser o que se é, não é?. E é ameaçador tentarem tirar isso de nós.

Provavelmente já passou pela tua cabeça "*ela foi tempo e dinheiro mal investido*", já passou? Se já, então, tu estás com sérios problemas, meu rapaz. Ninguém passa só por passar em nossas vidas, cada uma traz alguma coisa, uma lição qualquer, um aprendizado pelo menos. Assim, não vais esbanjar tanto na próxima relação como esbanjaste na anterior mesmo antes desta sequer ter começado, seja emocional ou financeiramente, porque vivências proporcionam experiências, e experiência produz maturidade em determinado contexto.

Este livro até poderia ser sobre um romance, sobre as memórias de um apaixonado; ou então um livro de autoajuda, falando sobre autoestima, depressão, valorização e outras questões que certamente muitos de nós já por elas passamos, ou ainda vivenciamos; as possibilidades são infinitas!

Na verdade eu quero que seja um livro com personalidade própria em tempos em que livros sem alma vêm surgindo mais e mais. Quero que seja um livro que mostre o reflexo do meu eu ou de quem o ler, um livro que tu possas ler e dizer “ele certamente está a falar de mim, ele está a descrever certos aspectos da minha vida nesse parágrafo, neste capítulo...”. Que tu o possas ler em todo sítio, que te vicies nele e que quando começares a lê-lo não o largues mais até o terminares, e claro, que também recomendes aos teus amigos, pelo menos, assim, a literatura ganha!

II

RE (COMEÇOS)

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

- Albert Einstein

Tem-se dito que quem lê um livro deixa de ser o de antes, e quem o escreve? Certamente nasce de novo, ou então, tem um recomeço de vida, só que dessa vez em seus pensamentos. Porque para escrever um livro é necessário acumular vivências, quem escreve um livro muda de pele, sai do seu casulo, ganha asas como uma borboleta, e como uma fênix renasce das cinzas.

“Quem escreve um livro, à semelhança de quem o lê, também nunca mais é o mesmo. Ao se permitir preencher as páginas em branco do livro, doa um pouco ou muito de si. Partilha-se com o mundo. Partilha sonhos, desejos, anseios, devaneios.

Quem escreve um livro, torna-se um pouco naquilo que escreve. Deposita-se no mesmo. Esgota-se, enquanto se vai renovando. Cresce com cada experiência. A cada palavra, frase, texto, é outro. Ninguém se calhar, mas nunca, nunca o mesmo.

Quem escreve um livro, reinventa-se. Transcreve tudo o que sente até o que não sente para uma

folha de papel, tela de um computador, telemóvel ou outra geringonça qualquer. E enquanto faz, transforma-se. A magia é tanta, que o escritor leva consigo, e na mesma onda ou mar, milhares de pessoas. Dá asas à imaginação, muda e faz mudar de ideias, revê conceitos, cria estórias, e vive novas histórias.” Disse para mim a Iraceles Silva.

Escrever não é tão fácil assim, pelo menos, para mim, nunca aparentou ser. Pensei em desistir nas primeiras palavras, minha fé é pequena, nem sempre existe aquela luz no fundo do túnel, para alguns de nós nem sequer há um túnel. E já se passaram dias em que minha auto-estima foi jogada ao chão e pisoteada, parecia que ninguém estava aí para mim e por mim. Vivi dias negros, a adolescência não foi uma fase bonita para mim, pelo contrário, carreguei meu fardo, ainda o carrego, tornei-me na pessoa que me permitiu tornar, face às dificuldades que ultrapassei e venho ultrapassando. Nunca foi um mar de rosas, parecia mais um mar de espinhos com alguns botões de rosa para dar algum brilho e beleza aos dias insípidos e negros.

Construí minha personalidade em torno dessas marés menos boas, incrivelmente a sorte nunca foi muito minha amiga, e de bênçãos tive o suficiente, creio eu. Então, não espere que eu seja uma pessoa

super coerente, um amor de pessoa ou um belo exemplo para as gerações vindouras. Sou gente, doptado de sentimentos, sentimentos como o ódio, como o orgulho exagerado e com tendências ao afastamento das pessoas. Não espera que eu seja uma pessoa agradável, eu poderei ser, eu vou comportar-me da melhor maneira possível, isto nos é socialmente e religiosamente imposto, faz parte de um punhado de legislações que nos são servidos para que nos comportemos como boas pessoas que há muito deixamos de ser. Sou gente, não exija muito de mim, também tenho minhas aflições, tenho meu fardo para carregar, tal fardo que às vezes chega a ser maior que o tamanho das minhas costas.

Às vezes sentia que me havia tornado numa pessoa insensível, já não produzia lágrimas de tristeza, se algo escorresse pelo meu rosto era suor. Às vezes era duro e implacável com minhas palavras, feria sensibilidades, e com estas mesmas palavras amassava corações. Na maior parte das vezes não era minha intenção proceder de tal modo, é como se esse mau feitio surgisse em intervalos frequentes quando me sentia distante do meu bom humor ou quando meu ego era atacado, mas não sou uma pessoa má, sou gente, gente como tu, gente como nós.

A vida é uma cadeia de fases com diferentes condições e\ou exigências de adaptabilidade. Cada estágio de desenvolvimento humano, diga-se de passagem, é uma zona de apoio e\ou reforço, onde o indivíduo se abastece de recursos para construir a própria personalidade. O talento forja-se na solidão, mas é nos embates da vida que se molda o carácter. Dizia alguém: “Sucesso que não passa pelo sacrifício não merece celebração”. O sonho que almejamos não está ao virar da esquina, há que correr atrás dele, brigar por ele. Aqueles que lutam, que mentalizam que parar é afundar, que no dia-a-dia procuram atingir os limites, percebem que estes limites reagem em formas de êxitos, realizações. O tempo passa e deixa suas marcas. Hoje sou mais velho que ontem, e mais novo que amanhã. E porque deixamos algo de nós em tudo que fazemos como um legado, tratemos, pois, de deixar influências indelevelmente positivas para que na última idade da vida o nosso relatório seja de consagração, e felizes possamos, enfim, dizer: EU VIVI A VIDA!

E se não for um bom livro? E se for superficial? E se for raso demais? E se em vez de melhorar só baixe minha aut-oestima? Já falei de como era a estima que tinha por mim na minha fase da adolescência? Lembro-me muito bem de como era

ter a auto-estima em estado vegetativo, ou numa espécie de incubadora, todos os dias eram nublados, meus níveis de confiança estavam quase zerados, a única coisa sobre a qual eu tinha certeza era de que a morte chega para todos e que para andar devem ser usados os dois pés, um depois do outro, em ritmo contínuo.

Para falar com a menina bonita da escola era um espectáculo, vocês tinham que ver! Fazia-o por meio de bilhetinhos perfumados com o perfume do meu pai, sim velho, eu roubava o teu perfume! Tais bilhetinhos eu deixava entre as páginas do caderno dela durante o intervalo de cada aula, custava-me ter uma conversa normal e verbal com ela, deve ser por isso que perdi a chance de estar com ela, porque outro colega que exalava um perfume intenso de auto-confiança, bem mais vivido do que eu na altura, passou a frente na corrida e conseguiu o que eu mais almejava, nem sempre o cágado ganha da lebre, porém, nem tudo é desgraça, tais bilhetinhos ajudaram a tornar-me nesse aspirante a escritor que hoje sou.

Mal comia em festas de aniversário porque o projecto de auto-estima que me preenchia não permitia-me rebentar as correntes com as quais me prendia, e se tivesse que comer pedia à alguém que me servisse e eu me dirigia para o canto mais

isolado para que ninguém notasse minha presença. A ideia de estar a circular entre pessoas desconhecidas maltratava-me, pois sentia-me um rapaz mal parecido e que vestia-se mal, atemporal à moda e inimigo declarado de conversas banais, coisa surpreendente para um rapaz de pouco menos de 15 anos de idade. Não me abria com ninguém, meu travesseiro era meu fiel confidente. Não se deixem enganar, meu sorriso hoje é puramente sincero e por mim prestigiado, pois já passei pelo que tinha que passar para me moldar e tornar-me na pessoa que me permiti ser. Baixa auto-estima leva à depressão, depressão é doença, e doenças naturalmente levam à morte. As relações inter-pessoais são importantes para a afirmação do nosso ser como pessoas pertencentes à uma sociedade, a própria bíblia exorta em *Gênesis 2:18* que não é bom que o homem esteja só. Deveriam ser ensinadas às crianças desde cedo como ensinam a dizer “obrigado”, “por favor”, “com licença” e outras regras de convivência que o uso da auto-estima é importante para o desenvolvimento saudável de toda pessoa como peça fundamental para o desenvolvimento das famílias e consequentemente das sociedades.

Quem cria os padrões? Quem define o que é normal e o que não é? As pessoas dizem “*Seja*

normal como o João ou como o António!” Pais há que dizem isso aos seus filhos, com frases assim a auto-exclusão é promovida, a pessoa automaticamente remete-se a um “lixo” de pessoa e a crise existencial toma conta, é difícil viver assim. A par das religiões e outras ideologias, padrões também separam as pessoas.

Quem define o que é belo e o que não é? As mulheres magras são exaltadas e perfeitas aos olhos da sociedade, e as gordinhas são espezinhadas e colocadas à parte, a verdade é que somos discriminadores por excelência! Seja no que for e quando for, é só nos chamarem, apontarem a vítima e nós prontamente discriminaremos. A beleza é uma questão de perspectiva, é como observar uma pintura, nem todos os olhos são sensíveis para a democracia de interpretação relacionada ao objecto em questão.

A beleza não está nos olhos de quem vê, a beleza está em todos, os homens é que acabaram envenenados com os rótulos que vieram fazendo sobre tudo e todos. E hoje todos padecemos do mesmo mal. É coisa da globalização também? Pensemos...

Escolhemos as pessoas pela aparência e pelas suas posses, e depois nos chateamos quando tais

peessoas mostram ser donas de um carácter pobre e lamentável. Alguém há poucos dias disse “ *É mais homem quem tem uma casa própria do que quem vive em casa dos pais ou em casa arrendada.*” Não é de hoje que classificamos as pessoas pelo que têm nos bolsos e nas contas bancárias, imagine só, *Bill Gates* é mais homem do que milhares de nós juntos! Nossos jovens têm linhas de pensamentos que às vezes chegam mesmo a desejar.

O ideal é praticarmos a arte do “bem me quero”, para que sejamos suficientes para nós mesmos, e relações com terceiros servirão apenas para de algum modo consolidar a estrutura já existente e bem assente na fundação das nossas mentes, mas não são só conversas que ajudam a vencer a depressão, é preciso mais, são precisamos tratamentos e acompanhamento médico. Enquanto crente, penso que também Jesus Cristo é parte imprescindível nesta operação. Pois aquele que Nele está, nova criatura é. Na bíblia fala-se de Jó, um homem que muito sofreu, perdeu filhos, saúde, bens e nada mais lhe restava, teve a desculpa perfeita para entrar em depressão e chegar ao suicídio. Sejam honestos, tamanha dor ninguém aguentaria, ou pelo menos quase ninguém, mas ele tinha Cristo em seu coração, o que era muito! Porém, tenhamos sempre em conta

que alguns problemas são emocionais, e não espirituais; no entanto, em vez de procurar exorcizar seus demônios na igreja mais próxima experimente antes procurar um psicólogo.

Então, desesperado por migalhas de afeto, mendiguei algum carinho e compreensão, mas ninguém teve nada a oferecer, pelo menos confidencieei comigo e concluí isso na altura, dei por mim dentro de um processo desenfreado e pouco elaborado de mudança que culminou na pessoa que traz esta escrita sem alegria ao caro leitor. Porque...

Às vezes sou solidão

Às vezes sou despedida

Sou adeus

Sou saudade merecida

Às vezes sou orgulho

Sou dor, sou ira

Sou rebeldia

Sou o mundo que gira

Às vezes sou lágrimas

Nem sempre sou alegria

Nem sempre sou sorrisos

Sou pranto, sou mentira, agonia e alguma covardia.

Penso que temos a responsabilidade de sermos mais abertos com os nossos, falarmos de nossas aflições, falar sobre o que incomoda e o que deveria ser mudado. Tipo de coisas que previne uma série de acontecimentos catastróficos, o diálogo. Menosprezado e negligenciado, porém, uma pílula de reforço psicológico com poder impressionante, que devemos levar às nossas casas a fim de melhorar o que aparentemente está bem, mas nunca fui de desabafar sobre meus problemas, sempre preferi guardá-los para mim, com a finalidade de transformá-los em motivação e força para os dias que o bom vento pudesse trazer consigo, porém, não recomendo. Ninguém caminha só, se caminhar fosse fácil ninguém precisaria usar dois pés para tal. Então, se você sobrevive às crises existenciais da adolescência você sobrevive à muita coisa! Bem, quase isso.

Na sua obra “Vencendo o silêncio da alma”, *Sílvia Prado*, autora brasileira, diz que uma pessoa com depressão deve ser a principal peça para a mudança desta situação, e para isso deve dar alguns passos, ou mesmo os primeiros passos para sair ou abandonar este mal, é necessário ter bom ânimo, não é fácil, mas com esforço consegue-se, chega-se lá. E na mesma obra a autora ainda recomenda a meditação no livro bíblico de *Marcos*

5:38-42 “E, tendo chegado à casa do principal da sinagoga, viu o alvoroço, e os que choravam muito e pranteavam. E, entrando, disse-lhes: por que vos alvoroçais e chorais? A menina não está morta, mas dorme. E riram-se dele; porém, Ele tendo-os feito sair, tomou consigo o pai e a mãe da menina, e os que com Ele estavam, e entrou onde a menina estava deitada. E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talitha cumi- que, traduzido, é: menina, a ti te digo, levanta-te. E logo a menina levantou-se, e andava, pois já tinha doze anos; e assombraram-se com grande espanto”.

Caríssimo leitor, às vezes, se realmente quiseres, só precisas levantar-te e mostrar que, de facto, queres a mudança que tanto procuras, seja o principal catalisador das transformações positivas que procuras em tua vida, tudo parte de ti, tudo começa contigo, amigo.

III

**SENHORAS E SENHORES... O QUASE
NUNCA BEM-VINDO AMOR!**

Vamos ainda dar uma pausa de falar sobre essas coisas menos alegres. E se fosse um livro sobre romance? Sobre o amor, sobre o conquistar, sobre o perder e sobre tentar manter alguém que se gosta? Bem, se assim fosse, eu falaria sobre os amores que colecionei, sobre os corpos que toquei e sobre as bocas que ousei beijar. Sobre as mulheres que amei, sobre as mulheres que desejei e nunca as tive, aquelas com as quais partilhei amores platônicos, aquelas que conquistei, as que tive e as perdi. Descrevendo desse modo até parece que devem ter sido muitas, não? Mas não, não foram muitas. Pelo menos na contagem masculina não foram muitas. Certamente uma opinião feminina produziria certo contraste ou paradoxo em relação a minha opinião revestida de humildade irônica. Lá mais para frente, conto-te sobre algumas memórias de um apaixonado.

Sempre me gabei de ter “bom dedo” para escolher meus amores, relacionei-me com alguns bons amores, no meu contexto, gabo-me de mim mesmo, merecia um prêmio por isso. Namorei mulheres mais velhas, mais novas em relação à

estas mais velhas, alegres, melancólicas, inteligentes... bem, um *buffet* de qualidades e defeitos que tive o privilégio de degustar. Cada uma ensinou-me qualquer coisa para aplicar na vida, no amor é assim, quando termina ninguém sai de bolsos e mãos vazias, é tudo lição e aprendizado. Por exemplo, no jogo *Call Of Duty* depois de seres morto aparecem algumas frases inspiradas no livro “A Arte da Guerra” de *Sun Tzu*, e uma vez apareceu a frase “... *Se o inimigo está a uma distância em que o podes atingir, o mesmo se aplica a ti*”, digo, quando saímos ou nos tiram da vida de alguém, pensamos sempre que quem perde é a pessoa que nos afasta ou de quem por algum motivo nos afastamos, mas não é bem assim, naturalmente, os estilhaços também nos atingem, nós também perdemos.

Também somos alvejados com a ausência dessa pessoa em nossas vidas, ninguém é só, somos um todo. Um ou outro ex-amor provavelmente deve detestar-me até hoje, e quem sabe use um filtro negativo para falar ou lembrar de mim. Atenção, eu nunca disse que fui um namorado exemplar! Tive minhas falhas, errei o suficiente, e isso resultou em maturidade que me ensinou a cuidar melhor quem tenho ou hipoteticamente poderei ter comigo. Sempre gostei de mulheres, sou apaixonado por

mulheres, penso que se minha orientação sexual fosse diferente ainda teria uma pequena queda por mulheres, é interessante colocar-me na pele do músico brasileiro *Martinho da Vila* quando canta a sua famosa música “*já tive mulheres de todas as cores, de várias idades, de muitos amores...*” As mais novas que me perdoem, mas sempre preferi as mais velhas, a ideia de aprender algo novo com elas é excitante e desafiante, algumas delas fizeram-me crescer bastante e amadureci um pouco mais, depois delas nunca mais fui o de antes. Há mulheres que sabem amar um homem meus amigos! Outras sabem tratar um homem, pois sabem bem do que realmente um homem precisa, outras não têm mínima noção de uma coisa nem de outra.

Parece que o nome “Salomão” traz consigo essa “maldição”, a poesia e o gosto quase exagerado por mulheres, então, em tom de bom humor, não me culpem, culpem o nome!

Nunca foi só atração física, foi compatibilidade mental também, gosto de dizer que é o cérebro que se apaixona. Se sorrir era o que gostavam, então, eu as fazia sorrir, se gostassem de palavras bonitas eu as poderia produzir com a mesma facilidade com que respiro. Tive uma ou duas namoradas que mentes menos cépticas as chamariam de alma

gêmea. Conheci pessoas cépticas no que toca a esse assunto de alma gêmea, simplesmente não acreditam nisso, para essas pessoas ninguém está predestinado a ninguém. Somos seres livres de fazermos nossas escolhas, ninguém tem à sua alma acoplada à outra. Até certo ponto, têm sim razão em pensar de tal modo, mas também, há aqueles que acreditam fielmente nisso, é a beleza do amor, é o amor que leva a pensar assim, mas será mesmo amor?

Quem é a tua alma gêmea? É aquela pessoa com quem falas todos os dias mesmo quando assuntos parecem escassos e\ou repetitivos? É aquela pessoa que te compreende mesmo quando os outros não o fazem? Ou aquela pessoa que encaixa no mesmo *puzzle* em que tu encaixas? Não sou um *expert* nesse assunto, bem longe disso. Porém, acredito que a tua alma gêmea nem sempre será o teu namorado ou esposo, às vezes é o teu amigo, ou mesmo um ex-amor.

Tua alma gêmea nem sempre será a pessoa que só desperta sorrisos em ti, que só te proporciona alegria, às vezes é aquela pessoa que te garante algumas tristezas, ninguém disse que tua alma gêmea seria um anjo, ou o espécime perfeito de pessoa, longe disso, é um ser humano que falha e que é a razão da produção de lágrimas nos teus olhos. Via o filme "*Isn't It Romantic*" nos idos de

Julho enquanto gozava das férias da faculdade, quando o galã disse para a rapariga “... *Quando conheceres uma pessoa que te faça tremer, te faça ter as pernas bambas, mãos suadas e o coração em batimento acelerado provavelmente esta não é a pessoa certa, quando conheceres a tua alma gémea tu te vais manter calmo, e eu estou calmo*”. Parece tudo contraditório em relação ao que vínhamos acumulando em nossas mentes no que toca a estes fóruns ligados ao amor e suas implicações, não é? As concepções que tínhamos sobre determinado caso vão se alterando a medida que o tempo passa, gosto de chamar de dinamismo social.

Não vou forçar romantismo, raramente é o sorriso que prende minha atenção numa mulher. Estranhamente são os pés e as mãos bonitas, e se sabe fazer o uso de sarcasmo e ironia para mim é “perfeita” meu amigo leitor, e claro, tem que ser bonita! E são também as conversas que surgem do nada e que aos ouvidos de outrem pareçam não fazer qualquer sentido, o cheiro de perfume e a elegância no andar, isso para mim é poesia em corpo feminino.

E ainda que a morte venha e leve consigo meu corpo eu viverei para sempre, no pensamento, na minha música e na minha poesia, minha letra e

minha melodia me vão eternizar nos pensamentos e nos corações de cada uma delas. Na saudade e nos términos mal terminados com cada uma delas.

Mulheres para mim são especiais. Mesmo que às vezes deixe transparecer certa carga de machismo e faça troça do sensacionalista feminismo, mulheres são seres especiais, um brinde ao Criador!

Como quando saí de casa naquele princípio de madrugada chuvosa para ter com ela, não levei em conta os riscos, ignorei as horas e o senso de responsabilidade que carrego comigo desde que me vi amadurecendo nas peles de primeiro filho da senhora minha mãe. Certamente um dos melhores momentos que já vivi, e ela, certamente um dos maiores amores da minha mocidade, pelo menos até a barreira dos 21 anos. São várias as memórias com cada uma delas que precisaria escrever um novo livro para falar disso da melhor forma possível. Tive aquilo que chamaríamos de amores de livros de romance, com alguns saborosos e bem interessantes bônus incluídos.

“Nem tudo são flores”, li isso na legenda de um filme que eu assistia na tarde de sexta-feira de um dia qualquer de Agosto — Já disse que era apaixonado por cinema? Então... — e não poderia deixar de ser verdade. Já se viram dentro de

relações com pouco menos de dois meses e sentir aquela vontade absurda de conhecer novos abraços? Aquela vontade de querer expandir seus horizontes porque ali nada mais os satisfazia? Infelizmente eu já. Não tenho qualquer orgulho nisso, porque quando se decide entrar numa relação “séria”, é com o objectivo de fazer com que dure anos, bem, provavelmente faltou-me seriedade em algumas tomadas de decisões. É o que se recebe em troca quando fazemos as coisas por emoção, quando cedemos à pressão exterior, quando os olhos da outra pessoa pedem um beijo como forma de assinatura de contracto de namoro, era sempre complicado não ceder àquele sorriso forçado e àqueles olhos semi tristes. Não é uma desculpa, bem, talvez seja, mas se calhar cedi às tais chantagens emocionais por me preocupar demais e tentar fugir do sentimento de culpa por ter despertado sentimentos à outra pessoa e não os poder assumir, embora não fosse culpado, ou talvez fosse. E como efeito dominó, consequentemente cometeria outro erro. Gostar de alguém é o princípio de um egoísmo com certa carga de licença poética, queremos que a outra pessoa goste de nós como gostamos dela, ou mais, se possível. Que ela, essa pessoa, nos deseje como a desejamos. Chegas de forma inesperada na vida de alguém e queres que essa pessoa mude

completamente sua rotina por tua causa, que mude seus comportamentos e desvios da sua solteirice para começar a respeitar teus limites e regras, diz-me se isso não é egoísmo? O tempo é implacável, chegou e bateu nossos portões, e conseqüentemente trouxe o término consigo.

No entanto, tudo se renovou. Há tempos que não me sentia tão bem por conhecer outras histórias, outro sorriso, outro cheiro, outra cintura, outros defeitos, outras manias e outras loucuras. Não é conhecer de hoje, não... nossas mãos já se haviam tocado antes, já havíamos trocado palavras simpáticas um com o outro, eu já havia saboreado seu abraço antes, o tempo certamente se lembra, o céu sobre nós é testemunha, nós dois também, como parte desta sinfonia de sorrisos, como parte desta partida do destino.

Negra, eu já não sabia degustar outro beijo que não fosse o seu, minha boca havia desaprendido, minha razão se havia perdido, na singularidade do teu ser, ímpar como o céu, negra como as noites em que não eras minha e eu não era teu, mas e aquele frio, de onde vinha? Desconfiava que vinha de ti, do fruto do vento dos teus passos, se afastando de mim, abandonando-me, deixando-me à sorte de quem me quisesse, de quem pudesse lidar com meus maus feitios, porque tu nunca me aceitaste

verdadeiramente mulher, sossegavas na penumbra do bem me quer mal me quer, sem coragem alguma para tomar uma decisão certa que não fosse o conformismo de ficar com quem não se é feliz.

IV

O QUE ME PERMITI SER

Gosto de pensar que reciprocidade é tudo, mas na verdade não é. O meio termo faz de nós humanos, nem tudo precisa ser 8 ou 80. Devemos abrir-nos à exceções e abrir mão de pensamentos dicotômicos e perfeccionistas, devemos arriscar pelo menos uma vez ou outra, desprogramar os nossos actos e rasgar a agenda da nossa vida, não somos robôs, somos de carne e sangue, somos gente!

Precisei fazer isso na semana que findou há dois dias, descobri-me ou me revelei. Inserido numa realidade que surge com alguma raridade precisei ser eu mesmo, até onde sabia eu não falava muito e não era tão barulhento assim, mas é disso que surge minha diversão, é disso que emana minha alegria e é com isso que contagio quem me rodeia. Abracei, briguei, sorri bastante e mais uma vez senti-me próximo do Senhor, coisa que já não acontecia há algum tempo, sou qualquer coisa como aspirante a cristão, não propriamente, mas próximo disso. Não sou um exemplo de cristão, porém, também não sou um cristão de cama de hospital; que apenas lembra de adorar o seu Senhor quando se está em crise e quando os dias

maus se sobrepõem aos dias bons como as nuvens que se espalham pelo céu em dias nublados.

Conheci, meu Senhor, aos 13 anos de idade, altura em que me converti, até aqui a caminhada tem sido turbulenta, com gosto de agridoce, já dei por mim a pensar profundamente que Deus não existe, fui qualquer coisa como aprendiz de ateu. Já questionei a Sua existência quando a morte levou de mim pessoas próximas, e quando as coisas só davam ao torto, seguramente não terei sido o único a proceder de tal modo. Desde que me conheço como pessoa é à Deus que sirvo, bem ou mal, entristecendo-O ou alegrando-O. Fiel à religião de meus pais e de seus pais também, mas é a religião que como homens nos separa, é a religião que também gera ódio e mortes sem justificação, é a outra face da moeda, nem tudo são sorrisos, nem tudo é alegria.

Onde deverá andar o Deus de Moisés que abriu o Mar Vermelho? Onde deverá andar o Deus de Josué que separou o rio Jordão? Terá se cansado de nós? Como quem se conforma de que nem todo pau torto se endireita, fomos deixados à sorte, cada um por si e sem um Deus para todos. Deus, estás mesmo ali? Quando oro profundamente sinto-me alegre e sinto algum conforto em meu coração e dou por mim a sorrir sem motivo, serás Tu? Serei

eu a sentir-Te aqui dentro de mim? Se assim for, então, eu quero sentir-Te mais vezes, meu refúgio para os dias nublados e luz para os meus caminhos.

A vida cristã são fases de um ciclo vicioso, bem-aventurados aqueles que param na melhor parte, a vida cristã são estações, algo parecido à um texto que escrevi há tempos:

*A Primavera chega, e traz consigo a sede de
aprender e tudo querer fazer
De arriscar sem temer
De se envolver sem antes conhecer
Deveras! Mais uma vontade curiosa do nosso
grandioso e misterioso ser
Bebemos do cálice da coragem de tudo fazer,
contudo, já não temos medo de morrer
A liberdade cega-nos, já não andamos, só
queremos correr
No entanto abusamos do poder
E já ninguém nos pode deter*

*Chegamos ao Verão meio que formatados
Todos os hábitos da primavera foram acarretados
e inalados
Doentes, encontramos-nos infectados
Injecções de bom senso de nada servem, apenas
deixam-nos atordoados
Não queremos ser ajudados, sentimo-nos
revoltados
Que alguém se digne ajudar e estar do nosso lado,*

não queremos mais ser julgados

O Outono vem como bálsamo para aliviar todas as dores

Banho frio, para nos livrar de todos os odores

Fruto da passagem pela lixeira das estações anteriores

Folhas vão caindo da árvore dos horrores

Tocamo-nos e percebemos que podíamos fazer o melhor quando as nossas atitudes eram as piores

Enfim, perdoados pelos nossos amores, voltamos à casa, e que venham dias melhores

E o Inverno vem, e a sua neve vai cobrindo tudo e com ele vem o perdão

Agradecidos, mostramos gratidão

Mais um aprendizado, nada foi em vão

Fim da caminhada, recebemos o galardão

Terminada mais uma lição

Desse ciclo vicioso, que venha a próxima estação.

A verdade é que a vida tem ciclos como a lua, tem estações como o clima.

Tem aqueles dias em que tudo está mal, mal mesmo, como se eu tivesse atirado uma pedra à cruz, ou como se o *karma* estivesse de mãos dadas com a minha alma. Tem aqueles dias em que viver é chato, é perturbante, é um fardo pesado demais para carregar em nossas costas pequenas! Tem aqueles

dias em que parece que o sol não brilha para mim
e que a lua não ilumina a minha noite, fico sem eira
nem beira, fico sem norte.
Dias cinzentos, dias agridoce, dias sem sentido
nesse mundo.

Mas está tudo bem! A fé tudo ultrapassa. Porque
afinal viver é um se rasgar e remendar-se, li por aí,
e não poderia existir maior verdade do que esta.
Viver é coisa de gente corajosa, gente disposta a
levantar-se mesmo depois de apanhar da vida
vezes e vezes sem conta, é coisa de destemidos, é
resiliência em estado puro.

V

OLÁ AMOR, SOU EU DE NOVO!

Depois de nos desviarmos um pouquinho de romances e outras complicações cá voltamos. Inevitavelmente meus dedos levam-me sempre a escrever sobre amor, penso que daria um bom romancista, mas para isso teria que viver mais para coleccionar novas aventuras amorosas, deveria estar aberto à expansão de meus horizontes. Deixem-me falar do meu primeiro grande amor, o meu amor da adolescência, usando nomes fictícios.

Levava a minha vida na normalidade, era um rapaz comum, tudo o que interessava era futebol e tirar boas notas para agradar as miúdas de lá da escola, especialmente à Ana; à doce Ana. Era o único jeito de chamar atenção dela (s), considerando o facto de não ter me considerado um pré-adolescente muito bem-parecido, o que maltratava minha auto-estima do tamanho de um átomo, e também não vestia as melhores roupas como maior parte dos meus colegas, na altura.

Ainda assim, deixem-me antes situar-vos no tempo e no espaço: anos 2010 e 2011, Complexo escolar 11 de Novembro, bairro Santo-António, cá no Lubango.

Éramos colegas, que sorte a minha! Pelo menos

poderia vê-la de Segunda à Sexta, sem desculpas idiotas, sem pretextos da minha parte. Carregava consigo um sorriso lindo, acreditem, lindo mesmo; alta, bem, ligeiramente mais alta do que eu, estreita, minhas mãos poderiam encaixar perfeitamente naquela cintura pequena, pele negra e olhos castanhos rasgados, imaginem só, uma Cinderela africana, eu via-a assim.

Sinceramente nem sei como tudo isso começou, quando dei por mim estava ela a chamar-me de "*Jaime*", bem, era o nome que estava bordado com linha verde no peito esquerdo da minha bata branca, feito pela senhora minha mãe.

Deveras! Sou humano, sou homem, bem, um rapaz ainda naquela altura! E não havia chances de simplesmente não me apaixonar por ela, e como me apaixonei! Na verdade, foi a primeira vez que me deixei levar pelo amor e pelos seus problemas...e que problemas! E não tinha como dar errado, afinal, eu era solteiro e ela acabara de sair de uma relação mal terminada, fruto do péssimo comportamento do rapaz com quem ela namorara pouco tempo antes de nos conhecermos.

Isso é só mais uma gota nesse vasto mar em que naveguei.

Estava disposto e determinado em conquistá-la, fazê-la sentir-se amada e desejada. Como se nem experiências amorosas eu tinha? Então?! Como começar? Apesar de não ter tanta ou quase nenhuma experiência no que toca a relacionamentos e conquistas avancei mesmo assim, comecei pelos bilhetes românticos; todos os dias escrevia em um pequeno pedaço de papel um verso bonito ou mesmo uma pequena poesia, que tirava de algumas crônicas que meu pai escrevia e as tinha guardadas, quiçá para que em sua velhice ele tivesse que se lembrar e deleitar-se do bom escritor que outrora foi; ou tirava estrofes daquela bela poesia que meu pai colocou em um retrato que foi oferecido à minha mãe num dia de São Valentim ou em seu aniversário, não lembro perfeitamente. *“Não tinha como Ana não gostar disso, qualquer uma outra moça em seu lugar adoraria!”* Pensei;

E quando o sino tocou para o intervalo, deixei o bilhete dentro do seu caderno, na esperança de que ela gostasse do que lá estava escrito, e não foi diferente das minhas expectativas, ela gostou, ou pelo menos aparentava isso quando jogou sobre o para-brisas dos meus olhos aquele sorriso que me fazia sonhar sonhos que nunca antes havia sonhado.

Os dias foram passando, inovei e fui inovando mais e mais, os bilhetes algumas vezes faziam-se acompanhar por uma rosa, sim uma rosa que eram roubadas do jardim da minha avó muito antes de eu ir à escola. E no ano seguinte, 2011, quando pensara que era desejo do destino ver-nos juntos, surge então o Rui, o Rui...o delegado da nossa turma na altura, bonito, tinha média estatura, era conhecido por toda escola, especialmente pelas meninas, o típico rapaz popular, bom desenhista, o que se calhar lhe fazia ganhar mais pontos ainda com as miúdas, e com a Ana não era diferente, deve ter se sentido atraída também, que azar o meu! Porque eu sentia que não era páreo para o que ele representava para as miúdas da escola. Apesar disso, não baixei a cabeça, fui na fé, continuei... Ligações noturnas e bilhetes ao intervalo, tirava filmes na colecção de DVD's que tínhamos cá em casa na altura, emprestei-lhe o filme "*As voltas do amor*", um filme indiano, que de certo modo retratava um bocado a nossa situação, devo admitir que depois do filme achei que as coisas iriam melhorar ao meu favor, muito pelo contrário, tudo que recebi foi um DVD riscado e perfumado como prémio de consolação, como explicar ao meu pai que o DVD novo que menos de um mês de uso tinha, já andava riscado? Nada mais dava certo, ela parecia distante e apaixonada pelo Rui, e mesmo

cansado eu ainda lutava para que no final dessa história pudesse eu sair vitorioso, só desejava no íntimo do meu âmago. Então, alimentei-me dessa valente esperança, embarquei e abracei minhas vontades e desejos, vai que dá certo...

Tive uma semana incrível depois daquela semana menos boa em que mergulhei fundo no poço de dúvidas, ela, Ana, não estava bem com o Rui, se calhar descobrira uma de suas aventuras. Talvez não tenha dito, mas na altura Rui era um bom mulherengo, mesmo para a sua tenra idade; então aproveitei, eu e Ana falamos bastante naquela semana e eu só precisava saber se ela queria estar comigo tal como eu queria estar com ela, se ela poderia aceitar meus defeitos tal como eu já há muito havia aceitado os dela, porque eu já era dela e só queria que ela fosse minha. Então, tomei uma decisão, e decidi perguntar-lhe isso na sexta-feira daquela semana, nos idos de Outubro ou Novembro, faltava apenas um dia para que tal dia chegasse. Que chegasse logo, ansiava em segredo.

Tinha tudo para dar certo naquele dia, digo, tudo conspirava ao meu favor, havia o Pedro, que carinhosamente o tratávamos por Pedrito que me apoiava incondicionalmente, a Joana, minha amiga e amiga da Ana que servia de ponte para os meus recados para a Ana, servia para os meus desabafos

e servia também de recipiente para meus lamentos que envolviam Ana, enfim...

Naturalmente chegou a sexta-feira, que eu esperava ansiosamente, com imenso frio na barriga e mãos formigando. *“Vou falar com ela quando todas as aulas terminarem, e vou para casa feliz por ter ganho um beijo dos pequenos e lindos lábios da Ana”*, planeei e sorri no final. Nenhum arquitecto me superava na capacidade que eu tinha de projectar as coisas, eu era, de facto, um génio! Durante o período de aulas passávamos pela carteira um do outro e trocávamos sorrisos e olhares, eu sabia que apesar da “queda” que ela tinha pelo Rui, era de mim que ela gostava de verdade, a Joana notava isso, Pedrito notava isso também, pensava eu... ou então, tudo passava de reforço psicológico que os amigos passam uns aos outros, afim de alimentar a fé alheia. Amigos são assim.

O sino do término das aulas tocou e meu coração disparou! Acreditem, um idoso na minha situação teria tido um enfarte por conta do batimento acelerado e desenfreado do meu coração. Então, o corajoso foi tomado pela covardia, querendo fugir do que outrora havia planeado, *“não sejas covarde! Pelo menos não hoje!”* Pensei comigo mesmo... *“Vou lá, e digo-lhe tudo que tenho aqui dentro”*,

destemido decidi, apesar das borboletas que sentia na barriga e das minhas mãos suadas, é assim que fico quando estou nervoso.

Fui a procurando por ela pela escola, considerando que não assistiu a última aula naquela tarde de sexta-feira em que o sol cansado do dia já se despedia e se punha entre as montanhas, cenário mais romântico do que este só em novelas mexicanas que nos habituamos a ver. Porta por porta procurava por ela, e como quem procura acha, encontrei ela no fundo de uma sala com o Rui, em sorrisos marotos durante os intervalos de seus beijos, com as mãos dele na cintura dela e os braços dela abraçando ele... Congelei! Parecia uma cena de novela, uma situação inesperada para mim, um verdadeiro banho de água fria. Era o meu sonho a ser realizado, mas não era eu a viver ele.

Com cuidado voltei a fechar a porta sem que eles percebessem que os vi, sinto-me na responsabilidade de admitir que engoli o choro naquele momento ali, quase chorei mesmo. Foi triste, foi muito doloroso para mim... sem medo de errar eu, de facto, amava Ana, não era desejo por seu corpo escultural, não, claro que não, o que eu sentia estava muito além disso, era pensar nela todos os dias, repito, todos os dias mesmo. Ligar

sempre que possível para ouvir sua linda voz e falar muito sobre nada, mesmo quando ela se mantivesse calada afim de que eu desligasse a chamada, nunca disse que era recíproco. Enfim, amores são complicados, e só queria saber como era ter a Ana ao meu lado. Ainda tive ela em meus pensamentos pelo menos dois anos depois do sucedido, porém, mais tarde ouvi que ela havia casado, já curado de tudo senti-me realmente feliz por ela.

Já tive amores com tempo de vida curto, amores super prematuros, como aquele de duas semanas... ou então, aquele episódio em que o mandei mensagem naquela noite, a dizer que sentia saudades da presença física dela, conversar por mensagens algumas vezes só não bastava; para mim pelo menos não bastava. Pois, já fazia meses desde a última vez que estivemos juntos, lembro perfeitamente; janeiro, não faltava muito para à meia-noite, quando ela me mandou uma mensagem a pedir que fosse ter com ela em sua casa, então, fui... quis ir! Era uma noite fria, a brisa fazia-nos companhia... o cenário estava montado, mais uma noite romântica, e claro, não faltou aquela pitada de adrenalina, afinal, tive a petulância de beijar seus carnudos e delicados lábios que pediam pelos meus junto a parede do

quarto de sua mãe. Valia a pena arriscar, sempre preferi arriscar, pois nas primeiras horas do novo dia que se aproximava ela teria que pegar em suas pesadas malas e ir de novo embora, triste adeus, é assim que chamo quando dramatizo despedidas.

E o tempo passou...

Voltei a vê-la na quinta-feira daquele Novembro chuvoso e lamacento, estava acompanhada, irônico, senti ciúmes quem disse não sentir, eu. Ela estava mesmo de volta, pude constatar, mas dessa vez, por apenas duas semanas.

No domingo, ela descia a estrada em direcção a mim enquanto eu saía da igreja, com aquele sorriso que tanto gosto, usava um fato castanho de tom claro, se bem me lembro, carregava seus sapatos em suas mãos e aquela alegria contagiante que traz sempre consigo. Falamos por meros segundos, senti alguma falta de consideração e indiferença por parte dela, a falta de consideração é sempre dela, digo, sempre que chega de viagem sou o último a saber. Isso era o menos importante, importante era ela, importante era a presença dela; e ela estava ali, bem na minha frente, mudada, mais confiante e mais bonita. Digam-me, existe algo mais *sexy* e apaixonante numa pessoa do que a auto-confiança que exala e perfume à flor da pele no mesmo recipiente? Num movimento rápido

despediu-se e foi-se embora, deixei-a ir, senti-me um idiota, porém, não sabia o que mais lhe dizer para a privar por mais alguns minutos naquele princípio de tarde escaldante. Na noite do mesmo dia perguntei-lhe por mensagem quando é que teria tempo para mim, tempo para matarmos nossas saudades, para falarmos de nós —como se existisse um “nós”!— O coração chega a superar-se nas suas idiotices... corrigindo, o cérebro consegue superar-se nas suas idiotices!

Alguns dias passaram, e então chegou o “dia”... Não foi tão diferente como da última vez. Nossos batimentos cardíacos acelerados ambientavam-se ao entrelaçar da chuva miúda com a cantoria quase sincronizada das rãs, numa sinfonia em que a natureza sábia assumia sua destreza em mastrar. Aquela rua parecia ser tão vasta para nós dois apenas, precisava ser tão louca quanto eu para abraçar o frio da vizinha madrugada, bela armadilha para quem não gosta de despedidas. A rua bem iluminada foi tomada pelo quase silêncio, alguns cães da vizinhança latiam após cada trovejar daquele céu negro e pouco quase nada convidativo. Ela veio até mim de chinelas, meias de renda compridas de cor rosa, uma camisola de mangas tão compridas que cobriam até as mãos e um casaco por cima para se proteger dos chuviscos.

Procuramos por um abrigo para que não tivéssemos que ficar jogados naquela rua deserta àquela hora, refugiamo-nos no quintal de um amigo vizinho que deixou o portão semi-aberto para que me facilitasse a entrada depois de um pedido prévio, o tempo enciumado voava... mas isso são detalhes, o que prendia minha atenção era o perfume que ela usava, perfume tal que me envolveu e tomou meu corpo depois do seu quente abraço, mesmo abraço que me fez esquecer por momentos o frio que se fazia sentir naquela quase madrugada de quarta-feira.

Meus lábios tocaram seus lábios, falei-lhe do que sentia, que estava apaixonado, quem diria, mas em momento algum ela disse que sentia o mesmo, esperei pela reciprocidade de minhas palavras destemidas, entristeceu-me não poder ouvir o mesmo, mesmo não tendo perguntado por tal coisa, se calhar porque já adivinhava a resposta, não se pergunta o que não se quer ouvir. Então, com um sorriso camuflei o meu desalento, sorriso de quem estava feliz e a apreciar o momento e fingi não me importar com a resposta.

Quase meia noite e meia, aproximava-se o adeus, a inevitável despedida... *“Adeus minha querida, vou sentir saudades, obrigado porque em duas semanas fizeste-me viver uma eternidade.”*

E eu continuava apreciando-a distante, de alguma forma estraguei o que poderíamos ter tido, devo ter sido aquilo que sempre temi tornar-me, desleixado e com uma capacidade incrível de estragar as coisas, e quem sabe ainda na altura mergulhado numa espécie de *Síndrome de Peter Pan*, pois, recusava-me a amadurecer em certos aspectos ligados ao amor e relacionamentos, e fui bom em estragar o que poderia ter sido bom, mas não vivo de suposições, condições hipotéticas não mudam, de facto, a tua vida, se pudesse recuar no tempo penso eu que não mudaria nada, afinal, cada um desses pequenos e grandes erros contribuíram para que me tornasse no que sou hoje, tudo coopera para meu amadurecimento como pessoa. E cada fase da minha vida é um verso dessa poesia que é a vida; verso... mesmo verso como a poesia que eu escrevi para mim, para mim não porque sou uma pessoa solitária ou mal-amada, longe disso, mas porque não teve alguém há quem pudesse dirigir tais palavras no momento em que as escrevi:

O VERSO

Tu que sempre amei

*És o verso da estrofe daquela poesia que guardei
para mim*

És a página do livro que nunca virei

E o vermelho dos teus lábios combinam com o carmesim

Mesmos lábios que devoram os meus

Como o escuro devora a noite

Como o azul consome o céu

Como o tempo traz a morte

Meu coração espera por ti contente

Como o galo espera pelo alvorecer

Como quem joga na terra a semente

É assim que espera o meu querer

Como a luz da lua que banha a terra

És o verso de amor que rega a minha poesia

E no final do dia o sol beijando a serra

Como o verso beija a melodia.

Nunca ninguém recebeu estes versos, guardei para mim junto com o meu *kit* de solidão, músicas melancólicas e tardes de domingo enfiado no quarto, sugando as últimas horas do dia vendo filmes e futebol na televisão, ou então, vendo *Masterchef* com a minha mãe. A solidão e eu somos velhos conhecidos, por cá ela já é de casa! Aprendi a desfrutar da minha companhia, ajuda-me a pensar e a praticar a luta contra a autopiedade, afinal, não sou um malgrado espiritual, e a solidão

não é uma coisa negativa, pelo menos para mim não, é mais um refúgio para me encontrar, para pensar antes de poder actuar, essa é a minha perspectiva.

Ela e eu somos bons velhos conhecidos. Solitário ou não, larga o papel que tu és obrigado a interpretar sempre, larga o sim e o não algumas vezes, não há mal nisso, abraça o meio termo, isso faz de nós humanos. Nesse contexto de meio termo sempre fui contraditório em minhas palavras e acções, se calhar porque me reinvento todos os dias, recuso-me a ser o de ontem. Ora, faz apenas o que te digo, ou não faz, apenas seja feliz. Como no famoso caso de a pessoa não poder demonstrar que gosta de alguém porque eventualmente pode terminar um dia. Bem, às vezes somos nós que condenamos nossos relacionamentos, com os excessivos pensamentos e energias negativas que nós próprios criamos e atraímos para nós mesmos. Tudo bem que tudo que um dia surge ou inicia está fadado a terminar, mas não devemos usar isso como regra para reger o que temos, o que vivemos e o que sentimos. O que atrapalha ou estraga as coisas é o pensamento negativo. Negativismo é veneno. E factores externos só têm poder se os factores internos assim os permitirem, então, tenha coragem, só por hoje, e que amanhã seja

hoje também, permita-te gerir o teu próprio destino. Ninguém disse que as coisas seriam perfeitas, ninguém teve a petulância de dizer tal utopia. Do amor conheço os sintomas e os hematomas, mas quem quer saber dos hematômas? O amor dói algumas vezes, o facto de apaixonar-se já deve fazer de nós masoquistas.

Têm dito por aí que algumas pessoas são só viagem, não destino.

Vamos concordar que a viagem chega claramente a ser melhor do que o destino em si. Durante a viagem é tudo muito imprevisível, o desconhecido, para alguns, tal como para mim, ainda é cativante, ainda é digno de louvor. Vive-se nela novas e variadas experiências, e o que é a vida se não um conjunto de experiências? É tudo como um beijo, sim um beijo mesmo, o melhor momento não é o beijo como tal, o segredo está no momento que o antecede, aqueles segundos de calor e frio, aqueles milésimos que parecem uma eternidade e se perdem entre a gente, a respiração ofegante, o coração que parece querer sair pela boca de tão acelerado que vive o momento, as borboletas no estômago e a mente que não sabe pensar em nada mais a não ser no instante que não tarda a chegar e que apressado acelera seus passos. Tu certamente

irás sentir-te mais vivo nesses pequenos fragmentos de tempo.

Algumas pessoas, algumas viagens, certamente dão mais sentido à trajetória, à vida, do que a destinos. Destinos na sua maioria recebem-te já pronto, já transformado de larva à borboleta, não te moldam, quase nunca adicionam, apenas gerem, isso mesmo, destinos são gerentes! Tu já foste a viagem de alguém? Essa pessoa sorria enquanto colocava a cabeça para fora para observar as tuas belas paisagens, os jardins que representam o teu sorriso, as montanhas que representam a força do teu ser, e os rios de amor em que poderias beber da sua água doce? Ou preferiste ser o destino de um certo alguém que na sua trajetória desfrutou de várias outras viagens, e então, agora, deseja repousar? Seja lá qual resposta for a tua, apenas viva, viva bem. Viva teus sonhos, os outros já vivem os seus próprios sonhos, não foca nos passos alheios. Não classifica as pessoas que passam pela tua vida como viagens e destino, melhor, não classifica ninguém, simplesmente não cria rótulos, rótulos removem o mistério das coisas, passam pelos nossos sentidos e cravam suas garras no córtex cerebral do rotulante e do rotulado.

Delicia-te dos abraços, aproveita os segundos antes dos beijos e os intervalos durante os mesmos, acredita, tu irás sentir-se ainda mais vivo!

VI

CADA UM SABE DE SI

Esta parte deste capítulo chamo de “Viver sob pressão alheia”, é aquela parte da nossa vida em que somos obrigados a viver de acordo às conveniências sociais, sob o pretexto de “o que a sociedade vai pensar de mim\”ti?” O que de certa forma, não é negativo, negativo é só o teor que junto acarreta, ninguém quer fazer as coisas só porque alguém quer que as façamos, então, como é que fica o nosso querer? Nossa liberdade, aspirações, sonhos e desejos? Muitas vezes o destino é o ralo, nossa sociedade obriga-nos a cortar nossas asas de sonhador e conseqüentemente colocar os pés no chão frio e empoeirado. Na verdade, vai sempre surgir alguém que nos vai tentar mudar, de uma forma ou de outra, onde ficou o “devemos aceitar as pessoas tais como elas são”? Não sei responder meu amigo, somos todos vítimas disso, até as pessoas que nos rodeiam também querem que mudemos alguma coisa ou outra, para de certa forma, lhes agradarmos, naturalmente ou para o “nosso bem”.

“Selton, meu amor, estando naquele ambiente senti-me tão pressionada como nunca, sério!” Uma amiga disse estas palavras para mim quando

voltava da festa dos novos licenciados da família dela. E o mesmo aconteceu comigo na licenciatura de alguém com quem iniciei a estudar, mas por força de algumas situações essa pessoa terminou sua faculdade antes de mim, é penoso estar naquela situação, parece que tu és o desorganizado, o desocupado ou o que menos se empenha. Bem, do pouquinho que sei deixem que vos diga que não existem ambientes que exerçam mais pressão em nós do que licenciaturas, casamentos e óbitos\funerais. Não necessariamente nessa ordem, licenciaturas podem vir depois de casamentos, quanto aos óbitos, bem, o lugar destes está sempre reservado para último, não por ser menos importante, sabemos perfeitamente disso.

Quanto às licenciaturas, bem, milhares de pessoas e eu gostamos de pensar que cada um tem o seu tempo. Alguns se licenciam antes dos 23 anos, outros até aos 60 anos buscam por uma licenciatura como quem sente a necessidade de não ter que ir para o caixão sem receber uma distinção de mérito académico. A verdade é que nós humanos gostamos de nos sentir importantes, para alguém, para nossos amigos, para a sociedade e por que não para o mundo? Afinal de contas, nossa ambição não tem limites, é insaciável como o

fogo que consome tudo que encontra pela frente. Na nossa Angola *“licenciados são só pessoas que sabem ler e escrever”* li no Facebook, ainda acrescentaram dizendo que *“Chove licenciados num país em que serena oportunidades de emprego”*, e é verdade, quase verdade. O nosso governo não sabe ainda o que fazer com tais jovens que aspiram por um emprego, é pouca gasosa para muita lata, ou pouca água para muitos sedentos, permitam a metáfora. E na semana passada verificou-se isso quando na cidade de Luanda houve uma feira de emprego, e a realidade não mente, existem aos milhares jovens em situação de desemprego. O facto é que estudar nunca será garantia de um emprego, arranja um trabalho, ou melhor, um negócio! Meu professor de Economia, no ensino médio bem dizia para nós, *“não deixem a escola atrapalhar os vossos estudos”*, a aplicabilidade disso hoje em dia faz mais sentido do que anteriormente fazia, era a beleza da inocência.

Então, eles dizem-nos que devemos esperar pouco do governo, devemos empreender, certo, começa-se por algum lado. Algumas pessoas vão parecer melhor posicionadas academicamente do que tu, é normal, a chuva não cai em noites de luar, até o céu sabe quando é o tempo actuação de um e de outro, então continua, o importante é não

largar os cadernos, livros, e não deixa perder a tua caneta, o que gosto de chamar de elevadores dos pobres, o facto é que pobre deve ter juízo. E na sociedade em que nos encontramos chega a ser imprescindível ter um grau académico “respeitável” para que sejas “alguém”, ou então, precisas ter um bolso abastado e para isso deves criar um empreendimento, para que seja abafada a questão de não teres um diploma académico, e para que os “intelectuais” que na verdade não são intelectuais, respeitem-te, ou bajulem-te, naturalmente na nossa sociedade um pode substituir o outro. São actos repetidos, afinal, quem salta o muro de seu quintal ensina aos ladrões como fazer.

O casamento foi instituído por Deus, sempre ouvi falar, sempre ouvi dizer... e assim sempre me pareceu no meu módico entendimento.

Após criar Adão e não sendo diferente de Si mesmo conforme na criação, avaliando Sua própria criação, BOM e MUITO BOM, na Sua imensurável e insondável sabedoria percebeu que Adão precisaria de uma companhia que o ajudasse a tomar conta do jardim... uma companhia anatómica e fisiologicamente diferente, por sensibilidade, sua verdadeira adjutora.

A magia com que a Eva foi criada — da costela do próprio homem — traduz bem o significado da presença desta personagem na vida de qualquer homem. Assim mesmo entendeu Adão que, acto contínuo e diante de Deus recitou poesia de amor e esperança, formulando votos, promessas e juras, partindo dum coração repleto de emoções e grandemente agradecido.

Os casamentos hoje em dia são nada mais nada menos do que convenções sociais. Já não nos casamos por amor, deveras, muitos de nós nem sabem o que é amor! Casamo-nos por motivos sexuais, nossos hormônios são chatos e falam alto demais, incomodam-nos quando bem lhes apetece, têm voz activa! Então, para evitar males maiores preferimos procurar e casar alguém que possa amparar nossas necessidades sexuais, porque controlar as vontades da carne é uma batalha dura, e não queremos ceder às tais tentações não é mesmo? Porque é pecado, sexo antes do casamento é pecado!

Também, é verdade que pecamos de outras formas, e agimos como se determinado pecado fosse menor ou maior do que o outro. Casamo-nos porque nossos melhores amigos também se casaram e vão se casando, e nós não queremos ser os enalhados no nosso círculo de amigos, os mal-

amados. “Que Deus me livre de ser o mal falado, o adulto e solteiro que ainda vive num dos quartos em casa dos pais! E que me livre também de ter que casar com alguém que ganhe menos do que a mesada que recebo dos meus pais, preciso cuidar das minhas unhas e do meu cabelo, eu mereço mais, eu mereço mais! Afinal sou bonita, e sustentar esse corpo não é coisa fácil! Porque homem de verdade deve investir na sua mulher, não é verdade? E eu rejeito-me de todas as formas, representar a exceção disso!”

Os casamentos pareciam ser sonhos femininos ainda bem a pouco tempo, sério, há bem pouco tempo, mas para a maioria parece que ainda é. Para alguns homens também, mas para a maior fatia dessa moldura humana é o reflexo da pressão que lhe foi exercida pela parceira e sua família durante o período de namoro, *“ela é bonita! Então, se não lhe der casamento outro assim o fará. E eu não quero ser visto como o jovem que perdeu a moça bonita do coral da igreja porque ainda não constava em meus planos contrair matrimônio, não quero que pensem que sou irresponsável ou algo do gênero. Então, ilusoriamente estou pronto para dar esse passo, pensando bem, este grande passo! Também estou cansado de ter que acordar todos as manhãs com a gritaria da minha mãe e do olhar frio*

e decepcionado do meu pai por se calhar já não me querer mais em casa, como se de um vagabundo desempregado se tratasse, se calhar, até nem esteja tão distante disso, mas não me pressionem, ouvi por aí que há um tempo para todo propósito debaixo dos céus, então, essa é a minha desculpa um tanto esfarrapada para não dar ainda o grande passo. Embora estar pronto seja uma ilusão, só pretendo avançar nesse sentido quando me sentir preparado para tal, é responsabilidade grande, é dor de cabeça ter que voltar sempre para casa com sustento e sorriso para as crianças, mesmo quando nossos problemas nos consomem lentamente por dentro como um buraco negro.”

Então, não ceda a pressões exteriores, estas vão sempre existir, viva e faz as coisas dentro do teu tempo. Porque, afinal, no final do dia serás tu a arcar com as consequências das tuas escolhas, nós somos as nossas escolhas, alguém disse, somos o que escolhemos ser. Seja o capitão das tuas escolhas, e que o Senhor seja o Dono do teu destino, e tu, sendo o gerenciador do mesmo. Não seja mais uma vítima da sociedade que aponta o dedo sem medir consequências, seja suficiente para ti no que diz respeito às tomadas de decisões.

Depois ou durante qualquer funeral, percebe-se a estranha e curiosa sensação de que todo mundo é

tomado por tal sentimento revolucionário que visa alertar as pessoas para que vivam mais e melhor, porque, afinal, a morte é uma prima distante que um dia nos vem visitar e, no seu regresso leva-nos com ela, mas tal revolução dura apenas alguns dias, ninguém ainda soube fazer mais do que só falar. As variações de viver a vida intensamente são esporádicas, e na sua maioria aleatórias, ninguém programa viver seus dias como se fossem os últimos, ou pelo menos quase ninguém. Eu mesmo que vos diga, venho pregando sobre viver a vida, mas o que mais faço é jogar no seguro na maior parte das vezes, alguém disse que faço pouco do que aconselho, desafio o perigo uma vez ou outra em meses, mas saber que a vida um dia abandonará nossos corpos vaidosos tira-nos o sossego e em troca deixa-nos o conformismo de que teremos um final inevitável. Talvez a morte seja a próxima vida, talvez... um dia havemos de saber.

Gostaria que jovens e crianças não morressem, caixões com dimensões pequenas nem deveriam existir. Viver é uma dádiva, um presente do Criador, e na mesma proporção que Ele dá a vida, também a tira e não poder desfrutar enquanto jovem de tal dádiva é o pior que pode acontecer a qualquer um na flor da idade, quando os braços e as pernas têm forças e a mente está fresca. Porém, quando tal

coisa acontece, a vida revela-se como sendo injusta, talvez seja mesmo, às vezes nos é tirado mais do que nos é dado. A morte leva consigo pessoas que amamos, eu mesmo já participei em alguns episódios semelhantes, experiência comum de todo ser humano. A sensação de medo ao viajar de avião é semelhante ao abandono de quem nós temos como porto seguro. A sensação de sabermos que não tem um chão por baixo de nossos pés é devastadora e agonizante. Saber que não tem ninguém para amparar nossa queda ou consolar-nos depois da mesma, é doloroso, por quê as pessoas morrem? Velho dilema.

Mais um dia, mais uma semana, mais um mês, mais um ano que estamos aqui e amanhã isso tudo vira passado. Para morrer basta respirar, então dê condolências aos que sofrem, e use isto como pressão positiva para que vivas da melhor forma possível, mas todos nós ou a maioria pelo menos, bem sabemos que a vida continua, a vida segue depois de um casamento, depois de uma licenciatura, e para outros também continua depois de um funeral, quando te deixarem, entrega ao desvelo da terra de onde todos viemos e temos como destino final. Então, faz o que tiveres que fazer, permita-te sonhar e dá a ti mesmo carta branca para fazer o que não se teve coragem de

fazer outrora por conta do medo. O medo tem a particularidade de paralisar suas presas, e interessante é que depois de o vences nada mais te pode deter, nada mais é assim tão assustador.

Contudo, eu já tive medo de me acusarem de falta humildade por dizer o que penso, não tudo o que penso, isso seria insensato, apenas o que penso no que respeita à determinada temática. Medo porque queremos sempre ser pessoas agradáveis e gentis, ou pelo menos queremos sempre transmitir isso, mas não somos belas pessoas todos os dias, e todas horas. Vão sempre existir oscilações de humor, o meio em que estamos inseridos de certa forma, vai sempre interferir no nosso estado de espírito. Então, já nem tento ou me esforço para transmitir a ideia de ser uma pessoa humilde, preferi ser eu mesmo, preferi praticar o *“feng shui”* que literalmente traduzido do chinês significa *“harmonia”*, porque antes de estares bem com os outros tens que estar bem contigo mesmo. Preferi abraçar a ideia de que é impossível agradarmos aos gregos e romanos ao mesmo tempo, não se pode ter dois senhores e deixá-los felizes ao mesmo tempo, as pessoas vão sempre te tentar converter e ao que elas são, amam a ideia de colonizar e escravizar mentes, e quando perceberem que não te podem mudar ou moldar-te à sua imagem

,aceitam-te tal como és, ou então, começam a odiar-te. Com maior frequência o uso ou inclinação para a segunda opção. Quão misteriosos como criaturas somos!

Esta outra parte deste capítulo chamo de “Cavalo de Troia”. Certas interpretações de versículos bíblicos são perigosas. Como aquela de I Timóteo 5:23 *“Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades.”* Beberões assíduos amam usá-la para justificar sua admiração exagerada pelo álcool, e na verdade, o “Beba com moderação” não é uma frase muito famosa ou digna de tanto respeito no ceio de consumidores assíduos, mas em contrapartida, na mesma bíblia existem outros versos que contrariam essa interpretação, como em Provérbios 20:1 *“O vinho é escarnecedor, e a bebida forte, alvoroçadora; e todo aquele que neles errar nunca será sábio.”* E ainda no mesmo livro, 21:17 *“Necessidade padecerá o que ama os prazeres; o que ama o vinho e o azeite nunca enriquecerá.”* Ou ainda em Efésios 5:18 *“E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito.”* Exemplos de versos bíblicos repreendendo o consumo do álcool existem aos montes, mas cada um só colhe o que lhe convém, o que lhe é vantajoso.

Os que consomem de forma exagerada alegam desemprego, ausência de figuras paternas, frustrações por falta de oportunidades, desigualdade social e logo, mas muito logo mesmo, alegam, finalmente, que é de facto “amor” pela bebida.

Encontro-me desempregado enquanto escrevo este livro, lido e já lidei com desigualdades sociais e injustiças, tenho amigos e conheço pessoas que não têm nenhuma das figuras paternas em vida, outros mesmo foram abandonados; no fundo ou mesmo superficialmente percebem-se nossas frustrações no que respeita às faltas de oportunidades, tais frustrações já são de casa, há muito que deixaram de ser meras desconhecidas, mas temos nos afundado na bebida? Não.

Na última fase, o indivíduo não vê outra saída a não ser abraçar e deleitar-se nos seus vícios, quando o indivíduo atira a toalha ao chão, abandona o ringue e torna-se um malogrado espiritual. Porque já não sonha mais com coisas positivas e susceptíveis de mudança, abandona ou larga tudo que era digno de apreciação, seu prestígio e respeito são jogados ao ralo. É decepcionante encontrar um jovem já embriagado quando ainda nem é meio-dia. Quando o indivíduo

deixa de ter amor próprio, episódios assim são recorrentes.

Nos anos 2014, 2015, 2016, principalmente, os índices de gravidez na adolescência, os índices de aumento de DST e o índice de reprovações escolares aumentaram absurdamente. Na base disso um denominador comum, drogas. Surge então, cá em algumas províncias de Angola, o fenómeno “Mata-aula”, que visava juntar grupos de estudantes de várias escolas num ou mais locais abertos ou fechados depois de faltarem às aulas, então, realizavam ali a “actividade”. Envolveria música para criar o ambiente desejado, e que pudesse envolver todos, álcool e outras substâncias alucinogénias e estimuladoras à mistura, e o calor do momento adicionado ao ritmo em que as coisas andavam, combinavam para o surgimento de relações sexuais desprotegidas, até mesmo pequenas orgias aconteciam, algumas consentidas, outras nem por isso. E os rapazes que participavam nessas orgias eram os mesmos que viriam expôr as raparigas, com fotos e vídeos que seriam colocados na internet. Por outras bandas ainda chamavam a mesma actividade de “*House party*” quando aconteciam em espaços fechados, só o nome mudava, o desfecho era sempre o mesmo. Já se registaram até mortes por overdose alcoólica.

Seus usuários procuram nelas — drogas — satisfações temporárias para mergulhar num estado de logro momentâneo, ou visando fugir de uma realidade desagradável para si. As drogas corroem e dizem tudo que encontram pela frente, inclusive roubam-te a independência e a liberdade. O consumidor de drogas é parecido, de algum modo, a um suicida em potencial, procuram apenas afogar alguma mágoa, chamar atenção para ti, acabar com teu sofrimento, mas o único problema é que a solução usada é a menos assertiva, logicamente!

As drogas desenvolvem uma série de sensações no usuário, daí o surgimento da dependência pelas substâncias. Sensações como hiperactividade, euforia, sensação de poder e até mesmo de excitação. Deve ser incrível sentir-se assim todos os dias depois de tomar um comprimido apenas ou inalar um fumo qualquer, mas é possível sentir-se bem mesmo sem consumir drogas, é possível sorrir sem ter uma seringa presa no braço, teremos sempre uma saída que não seja a autodestruição.

Antes os pais buscavam seus educandos na porta da escola no final das aulas, posteriormente o quadro havia mudado, começaram a buscar seus educandos nas maternidades, postos médicos,

postos policiais e até mesmo no pior dos casos reconhecer corpos nas morgues.

As drogas converteram-se num problema geral de imensas proporções, embora com características divergentes no que respeita às particularidades. Elas constituem, também, um gravíssimo problema no que respeita à saúde e à vida de muitas pessoas. Todos acabamos por ser afectados por este mal, consumidores e não-consumidores.

O álcool como toda droga é um verdadeiro cavalo de Troia, o prejudicado é o consumidor final. Culpado é quem o produz? Culpados pelo seu consumo são os responsáveis pelas nossas decepções e frustrações?

Quem o produz, certamente procura sustento para si e para sua família. Ninguém é coagido a consumir, “... *poderás comer do fruto de toda árvore, excepto daquela que está no meio do jardim*”, o mesmo poderemos facilmente aplicar aqui. Como já disse anteriormente, o poder da decisão está em tua posse, veleja o seu barco, não procura culpados para justificar as tuas decisões, é sinal de mau carácter, mas não estamos aqui para julgar ninguém, cada um sabe de si, e Deus certamente sabe de nós.

VII

UM BRINDE A NÓS!

O dicionário Universal sobre Humildade diz: (do Latim *humilitate*), virtude que nos dá o sentimento da nossa fraqueza; modéstia; submissão; inferioridade.

E para ti, o que é humildade?

Vivo corrigindo, reclamando e tentando mudar de alguma forma, o modo de pensar das pessoas no que tange ao uso da palavra humilde ou humildade. Perturba-me saber que as pessoas insistem em chamar de humilde pessoas financeiramente pobres e figuras públicas que vivem fazendo golpes de marketing político, como o Presidente do país “irmão” que passou pelo nosso país há pouco mais de um ano, talvez seja humildade mesmo, mas humildade você reconhece com a convivência e não num sorriso um tanto falso ou forçado, prolongado e num acenar demorado, mas o problema nada tem a ver com o Presidente em questão, longe disso, afinal, está apenas a fazer o que foi treinado para fazer de melhor. Pobre em conceitualização é o povo, que insiste em chamar de humilde à toda figura pública que aperta a mão a um mendigo, ou chamar de humilde à uma celebridade que se despe de todas suas comodidades e decide partilhar um

pouco com os pobres aquilo que tem em abundância, o amor tem-se esfriado, gestos falsos de bondade são acompanhados sempre por uma máquina de filmar... luz, câmara, acção e redes sociais! Quem realmente quer só ajudar não faz questão de tanta publicidade, aliás, quanto menos melhor. Afinal, o que a mão direita dá a esquerda não pode saber, a bíblia menciona em Mateus 6:3-4 “, *mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; Para que a tua esmola seja dada ocultamente: e o teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente*”.

Para mim, humildade não é ser pobre como muitos forçam acarretar tal situação económica à tal virtude, afinal, existem aos montes pobres e arrogantes, e na outra extremidade da mesma vara, encontramos gente rica e humilde. Para mim, humildade é aceitar-se tal como se é, é estimar-se ao ponto de reconhecer bem o que se é, e em momento nenhum elevar-se ou rebaixar-se e deixar-se ser pisado simplesmente por não teres tanto como o fulano, e não poderes tanto como o sicrano pode. Porque ninguém na sua essência é melhor do que outrem, só tivemos oportunidades diferentes, nascemos em berços distintos, bem, muitos de nós nem um berço tivemos, mas todos somos feitos da mesma estrutura óssea, somos

todos revestidos com a mesma carne e temos o mesmo sangue a circular cá dentro de nós. Então, para de tentar superiorizar-te aos outros, competindo sempre para ver quem é melhor do que outro e consequentemente rebaixar os outros a meros e reles seres-humanos. Humildade é amor ao próximo. Muda a tua perspectiva sobre humildade, muda tua perspectiva e influencia outros, também. Nunca é tarde para corrigir o que está errado, mas o errado e o certo em alguns casos são só uma questão de perspectiva, e esta é a minha.

No filme *Em busca da felicidade*, baseado em factos, interpretado por *Will Smith* na pele de principal personagem, podem-se recolher verdadeiros exemplos de humildade e persistência, no sentido de lutar pelo que se quer, mesmo quando tudo conspira contra e tudo parece fadado a não produzir resultados positivos daquilo que mais se quer para atingir a tão sonhada felicidade. O homem que começa com sua esposa e filho ao seu lado e um negócio à primeira vista promissor, vê-se colocado numa situação devastadora quando seu negócio se revela num investimento furado ou quase sem retorno, e por conta dessa nuvem de azar que se sobrepunha a ele, acabara sendo abandonado por sua mulher, que quando olhava

para ele tudo que via era um homem, fracassado, acabado e sem futuro algum. Consequentemente, quase sem dinheiro perde o emprego, é forçado a passar noites em abrigos para sem-tectos e banheiros públicos com seu filho pequeno, mas a vida sorriu para ele, graças a sua persistência acabou sendo um dos contadores mais bem-sucedidos de uma empresa norte-americana de contabilidade, conseguiu vencer na vida quando tudo parecia estar perdido.

E o caro leitor vai pensar “eu mesmo já me vi em algumas situações em que tudo parecia estar a passar-me entre os dedos como um punhado de areia numa mão cerrada, na tentativa de que ficassem pelo menos alguns grãos de areia em minha mão que apesar de cerrada, era impossível travar o inevitável. Comecei a duvidar de mim, comecei a questionar minhas capacidades, e claro, comecei a questionar Deus, também. Porque quando envolves Deus nos teus projectos e empenhas-te, tudo o que podes esperar são resultados positivos, e quando tal não acontece, o que surge são questões duras acompanhadas de tristeza e decepção” — mas decepções, falhas e resultados negativos não são necessariamente coisas más; são principalmente poderosas pílulas motivacionais, às vezes só precisas de ventos que

não estão a teu favor para que comeces a fazer acontecer as coisas. — *“Ninguém merece apanhar tanto da vida, digo, ninguém deveria estar susceptível a ter as coisas a correrem-lhe tão mal, afinal, somos todos filhos de Deus pois não? E deveríamos todos ter do bom e do melhor, dispensa farta, um carro bom, alguns milhões na conta e um emprego excelente, eu mereço! Tu mereces, meu amigo! Ninguém deveria viver de conta-gotas e migalhas que o Governo nos dá a cada final de mês com alguns atrasos envolvidos no processo, e que depois de três dias já não sobra nada em nossos bolsos e contas bancárias, porque temos que colocar comida em nossas mesas e desapertar um bocado o nó da corda de dívidas preso em nossos pescoços, enquanto crianças viver não parecia ser tão difícil. O controle sobre nossas vidas é pura ilusão, por momentos somos ordem, ao virar da esquina somos caos, a vida é uma bela mulher complicada. É loucura tentar entender uma quanto a outra.”*

“Sua carência não é falta de um namorado, é falta de relacionamento com Deus.”

“Com dizeres assim, não admira nada que os prezados ateus estejam sempre a ridicularizar os cristãos da «newschool», e ainda tenham o atrevimento de dizer que «Se o gato Tom da série

de desenhos animados comer o rato Jerry, o show infalivelmente termina. O mesmo aplica-se ao Deus bíblico ou ao Deus cristão, só não mata Satanás porque o show poderá terminar também.» Vi essa frase no *Facebook*, não deixa de fazer sentido porque supostamente Ele é onnipotente e, poder para acabar com isso tudo não Lhe deve faltar nem a brincar. E se ainda não o fez, é porque Ele deve estar lá em cima a divertir-Se com tudo isso que se passa cá em baixo.

Essa gente confunde carência emocional com carência espiritual, e todo namoro ou pelo menos maior parte deles envolve contacto físico, um beijo, um abraço, sexo e mais. Que paremos, pois, de pensar que tudo está ligado ao espiritual. Deus deve estar cansado das vossas lamúrias, lamentos e responsabilidades que têm insistentemente deixado nas mãos Dele, afim de que resolva os vossos problemas.

Tem carência emocional sim, é sabido que precisamos de um homem ou de uma mulher, não será Deus a satisfazer meus desejos sexuais nem será Ele a preencher o buraco da ausência física que uma hora ou outra irá se fazer sentir, isso é responsabilidade minha dentro de um casamento (segundo os cristãos).

Carência espiritual é outra coisa bem diferente, ali sim envolve Deus. Envolve a presença da Sua ausência ou a ausência da Sua presença, a falta de sua companhia ou pelo menos a falta de senti-Lo. Então, devemos ter inteligência para saber separar as águas. Dar a César o que é de César, naturalmente.

Estamos realmente destinados a grandiosidades? Algumas vezes eu sinto que sim, na maior parte das vezes sinto que não. Será o futuro brilhante para nós? E se não for? Já pensou na possibilidade de estarmos a «perder tempo» usando uma fé que na verdade nem existe e crendo em um Deus que na verdade nem sequer é um Deus, mas sim um mecanismo de defesa das nossas mentes? E se tudo não passa de uma criação humana? E se Deus é apenas uma fantasia criada para amedrontar os homens para que se comportem da melhor forma possível? Para que essa delícia violenta que é viver não termine em finais violentos? São tantas perguntas que me invadem... os homens que mergulharam fundo nesse questionário são carinhosamente chamados de ateus; as ervas daninhas de qualquer jardim religioso.

Tira o teu cavalinho da chuva, quem espera muito é louco. Não existe um Deus que fará as coisas por ti, esperar no vosso Deus não é o mesmo que

esperar do vosso Deus. Não és tão especial assim meu amigo, não respiras um oxigénio melhor do que o nosso, tu és pobre e pronto! Não te vais tornar financeiramente rico um dia, esqueça isso. Poderás trabalhar arduamente e viver do teu mísero salário, no melhor dos casos! Teus sonhos tornar-se-ão em pesadelos porque tu não os vais realizar, e eles vão consumir-te lentamente, vão devorar o teu lado são ou pelo menos os pedaços que sobraram dele, e depois, quando não mais suportares, a morte virá ao teu encontro e te levará consigo à escuridão eterna. Não existe um chão de ouro meu, amigo, nem felicidade eterna, para de fantasiar. Caso exista, para vocês é claro, vosso Deus não é tão bom assim, é autoritário e egoísta; Alguém que quer que Lhe louvem e que O adorem sem cessar, vocês não terão vida própria! Ainda bem que não existe uma vida após esta, e se existe eu facilmente prefiro acreditar em reencarnação, pois, eu não suportaria mesmo uma nova vida vivendo em prol de outrem, já basta viver assim na terra, e quase vou enlouquecendo. Livre arbítrio implicaria não existir a consciência de um paraíso e um inferno, indirectamente impuseram-vos a ideia de fazer o «correcto» para poderem subir ao paraíso, e o contrário disso vos conduziria ao tão odiado e mal falado inferno. Liberdade é não existir, pois quando chegas por estas bandas és

obrigado desde cedo a escolher um lado, e isso não é ser livre, não temos o livre-arbítrio.

Então, que se lixe tudo, que se lixem as pessoas também. Tu não precisas viver a tua vida encenando esse papel de pessoa agradável, justa e coerente, tu não és! Pronto e ponto! Tu tens desejos libidinosos, tu és atraído pela devassidão tal como eu, tu abriste mão de prazeres que se calhar, tu ainda não experimentaste e privas-te disso, porque os primeiros legisladores ou primeiros intelectuais criaram a bíblia, criaram leis, regras e normas para que não faltássemos com respeito aos nossos progenitores, embora já o façamos ocasionalmente; para que não nos matássemos sempre que nos apetecesse; ou então, para que não fizéssemos sexo à torta e à direita com a penalização de atingir a superlotação da terra e tornar os recursos ainda mais escassos, mas para contornar esta questão, a superlotação, o homem branco criou certos vírus mortais e espalhou pelo continente berço, o negro é conotado como o procriador por excelência, então, ali seria o local perfeito para fazer acontecer o processo de subtração populacional em altas escalas.

Inventaram leis para que não tivéssemos o atrevimento descarado de adorar outros deuses,

ou para que não mencionássemos Seu precioso e grandioso nome em vão, para acentuar e sustentar ainda mais a ideia de que realmente existe um Deus que Lhe é devida toda adoração. Percebam, pois, que nos foi tirado nosso real livre-arbítrio, para que não nos tornássemos selvagens, ou melhor, exageradamente selvagens. E conseqüentemente colocaram uma bíblia no meio para que não fôssemos acertar contas com o homem branco após vários séculos de escravidão e todo qualquer tipo de subjugação por causa da cor de pele que temos estampada em nós, só para que ele constaste, de facto, a ideia de que picante no olho do outro é refresco, exercitando a prazerosa Lei do Talião.

Diga-se de passagem, que a ideia de criação de um Deus foi uma jogada inteligente nesse tabuleiro axadrezado que é o mundo, o último nível de sofisticação da mente humana. O homem precisava de alguma forma organizar o mundo que se revelava cada vez mais desorganizado, caótico e conseqüentemente perigoso, então, tomou essa atitude louvável, de se tirar o chapéu e ainda de se aplaudir em pé; depois criou a igreja, uma ramificação do Estado, para então poderem trabalhar em conjunto e administrarem o mundo que hoje conhecemos. Para que além do homem

negro, o homem branco também se submetesse à alguma coisa que não fosse somente aos seus prazeres. Um tinha a obrigação de controlar os religiosos que eram os mais fáceis de se controlar, como aqueles escravos negros de tom de pele mais clara que trabalhavam dentro das casas dos patrões como empregados domésticos, semelhantes aos adoráveis póneis. E o outro, por sua vez, tinha a responsabilidade de cuidar dos queridos ateus, teoricamente mais instáveis, os escravos com a pele mais escura, que eram tidos como rebeldes e sempre arranjavam uma ou outra forma de tentar escapar das *senzalas* infestadas de doenças, frias e húmidas, ou das plantações de algodão e\ou *cana-de-açúcar*, os cavalos puro sangue, difíceis de domar, permitam a analogia.

No entanto, irá sempre existir um escravo de pele negra escura a trabalhar dentro da casa dos seus senhores, assinalando, de facto, a falha de todo sistema. Como exemplo no filme *Jango Free*, o personagem interpretado por *Samuel L. Jackson*, que trabalhava dentro da casa grande como mordomo e fiel empregado dos patrões, vendo-o naquelas vestes representava vergonha para os outros negros que exerciam o trabalho forçado nas plantações.

Pleno de certeza bem posso dizer que nas hastes dos ateus existem aqueles que quando fora da presença de outros companheiros recorrem à orações para buscar conforto, auxílio, para que sejam guiados em seus passos. Reconhecendo então, que, sozinho pode-se ir, porém, não se vai tão longe.

A religião ou o cristianismo, concretamente, não é alienação, cristianismo não é uma bengala ou um par de muletas para que nós que não somos cultos (somos assim julgados) usemo-las para camuflar ou suprir nossas fraquezas.

Não vejo fraqueza nenhuma em associar Cristo em qualquer que seja o movimento que pensamos em realizar ou passo que pretendemos dar, isto demonstra atitude em admitir que poderemos fracassar e que, de facto, somos falhos.

E que abandonemos a velha máxima de que ser cristão é sinónimo de ignorância por se acreditar em algo invisível aos olhos humanos, ignorância mesmo é pensar de tal modo.

Eu sei que já passou pela tua cabeça encharcada de dúvidas a questão «*E se isso tudo for em vão? E se Deus não existe?*» As pessoas passam pela vida de mãos dadas com a abstinência de viver, presos à ideia de que esta vida é passageira, e de facto, é

mesmo, mas e se estiveres enganado quanto à crença de vida após a morte? Não me julga, eu tenho minhas próprias crenças, mas quais são as tuas? No quê é que realmente acreditas? Seja lá no que for penso que não é motivo suficiente para deixar de saborear ou deliciar-se dessa dádiva que é viver, pois não? Deixar de viver a vida também é pecado, é ser mal-agradecido. Foram seis dias de trabalho árduo e o sétimo reservado para descanso como é mencionado em *Êxodo 20:11*, e tu agradeces desse jeito? Não é sobre viajar, não é só sobre dinheiro, e é claro que dinheiro também é um factor imprescindível nessa equação, mas é principalmente sobre sorrir de alegria, é sobre ter quem se ama por perto, é sobre amar e receber o mesmo amor.

Meu amigo, Ele é o Verbo, o princípio e o fim de todas as coisas, a alegria pela manhã, o sorriso contente e inocente de uma criança, o Criador de todas as coisas, Ele é Deus e sempre será! Mesmo que nossos amigos ateus rejeitem a Sua existência, alguns homens também difamam mulheres depois de serem rejeitados por elas, ou por não terem seus caprichos atendidos na plenitude de seus desejos e aflições. Ainda continua sendo infantil pensar que os homens são trazidos pelos bicos compridos das cegonhas enquanto bebês.

A verdade é que todo mundo clama por Deus no desespero e na aflição, até mesmo um bom ateu, que se faz acompanhar por uma espécie de chantagem emocional, «... *se realmente existes, atende meu clamor, ouve meu pedido!*» Deus detesta ser testado meninos, já provou isso no deserto. E quando a resposta não é imediata, o indivíduo cimenta mais e mais a falsa crença de que Deus não existe. Muitos tendem a enveredar por estes caminhos quando suas orações não são respondidas dentro das suas pretensões. Isto não é um *take-away*, meu amigo, as coisas acontecem dentro do tempo Dele, não no seu, (in) felizmente. Ele não se esqueceu de ti, Ele é bom e fiel para cumprir suas promessas. O Mestre disse «*a minha paz vos dou*», mas o homem ignorou isso, preferiu abraçar suas aflições e perdeu o bom ânimo, Cristo não vai morrer duas vezes por nós, o mundo não se vai tornar num lugar melhor, muito pelo contrário, o homem criou outros deuses imediatos, caminhamos descalços num caminho de brasas, e no final havemos de colher tudo aquilo que fomos semeando durante nossa estada por cá na terra.

Se discordas da existência de Deus chamam-te de ateu, se negligencias o ateísmo chamam-te de ignorante, religioso fanático e mais!

- Adaptado

Quero dizer, falamos e pregamos tanto sobre pensar fora da caixa, aceitação, tolerância, amor e liberdade em diferentes moldes que ficamos distraídos olhando a vida dos outros. E falhamos redondamente em aplicar tais ensinamentos em nossas vidas. O homem é mau, somos maus! Trago diferentes pontos de vista, só não matem o mensageiro, porque é facto que «o grande erro de muita gente tem sido projetar constantemente os seus achismos aos outros», alguém o disse certa vez.”

Há um tempo para todo propósito (*Eclesiastes 3:1*), as coisas devem acontecer dentro do seu tempo, ninguém foi abandonado por Deus, mesmo quando as coisas não acontecem quando tu queres que aconteçam, a vontade de Deus irá sempre sobrepor-se à vontade dos homens. Cada um deve ser responsável por carregar seu fardo, não pede um fardo mais leve, peça mais força para o carregar, e quando surgir uma montanha pela frente não peça a Deus que a retire, não faz isso, meu amigo! Pede forças para a escalares, afinal, são todas essas coisas que te preparam para o que vem lá mais pela frente, seja forte e tenha fé, acredita que um dia as coisas irão dar certo, todos nós devemos passar pelo deserto, é por lá que nos tornamos fortes. Não posso garantir nada, as coisas

ainda não aconteceram para mim como quero que aconteçam, tenho tapado o sol do insucesso com a peneira do “melhor está por vir”, e ainda assim, mantenho um sorriso estampado no rosto porque creio que o futuro é brilhante, bonito e generoso para quem se esforçou durante a sua jornada, e cada um há de colher aquilo que plantou. Tu precisas apenas estar sereno e não estar muito expectante no que toca ao futuro, é das expectativas que saem as angústias, e é de tanto viver no futuro que surgem os problemas de ansiedade, a famosa *Síndrome do pensamento acelerado*. Então, não se preocupe tanto com as pancadas que a vida te dá, às vezes ela te vira ao avesso e percebes que aquele, afinal, sempre foi o teu lado certo. Porque tu és tu, diferente dos outros, vivendo e escrevendo sua própria história.

E quanto a ti, prezado leitor, as coisas habitualmente correm-te bem na primeira tentativa ou tens que ralar para as conseguir? Porque as coisas boas levam tempo para acontecer, e é no tempo de Deus que as coisas acontecem. Ninguém começa a subir escadas pelo degrau de cima.

Não dá simplesmente para estar indiferente ou deixar passar sem comentar três grandes factores da existência humana sendo um deles a razão da

existência dos outros dois, refiro-me a Deus, ao Tempo e ao Amor.

Albert Einstein estava certo em dizer que “*O tempo se move em diferentes velocidades para cada um*” dentro da sua teoria da relatividade. Cinco minutos é pouco tempo para quem está no lado de dentro do quarto de banho, e muito tempo para quem está no lado de fora. Alguns escreveram um livro antes dos 30 anos, outros depois dos 50 anos. Outros tiveram seu primeiro beijo depois dos 20 anos, alguns licenciaram-se antes dos 25 anos, outros ainda se casaram antes dos 20 anos. A verdade é que, para ti, pode ser cedo demais para dar o grande passo da tua vida, e tu precisas ser corajoso para isso, precisas ser e fazer diferente do que já foste e já fizeste anteriormente.

A escolha continua sendo tua, ou te escondes para sempre nessa sombra que é teu porto-seguro decidindo jogar no seguro de modos a não te magoares como já aconteceu antes contigo, ou tu retiras as rodas de apoio da bicicleta e te deixas iluminar um pouquinho mais nessa luz estranha aos novos olhares que muitos chamam de arriscar, para degustar paladares que tua língua nunca antes experimentou, e abrires-te a sentimentos que tu nunca antes sentiste ou privaste-te de sentir sabe-se lá porquê. O que mais preciso dizer-te para

convencer-te a viver um pouco mais? Levante e reinventa-te! Só pare de praticar a auto-piedade, pois, não te abona em nada.

Quando fores fazer as coisas, fá-las como devem ser. Se fores trabalhar, trabalha bem, abraça o teu chefe, abraça o teu colega; se fores rir, ri muito mesmo, ao ponto de quase perder o ar; se fores comer, come como se fosse o teu último banquete, o melhor de todos os banquetes; se fores beijar, ah caríssimo! Beija como se nunca tivesses lábios para o fazer, beija como se fosse o teu último beijo, e ama da mesma forma. Vive com apaixonada intensidade, tu tens à disposição a dádiva de viver todos os dias, mas morrer acontece uma vez apenas, e não tens uma segunda chance para recomeçares e poderes fazer aquilo que te abstiveste de fazer enquanto tinhas o sopro da vida. Leva o tempo em consideração, pois são raras as vezes que conseguimos roubar tempo ao tempo. E há somente oportunidades que surgem uma única vez, então, não desperdice oportunidades, caro amigo.

O tempo é uma tempestade forte que cai sobre o corpo de todo homem e de toda mulher, os olhos brilhantes ficam enrugados, os lábios carnudos e vermelhos tornam-se murchos e perdem cor, a beleza se deteriora, o corpo outrora firme torna-se

flácido. Não é à toa que Salomão disse que era vaidade, tudo era vaidade.

Não se pode mudar o tempo nem alterar o curso do vento, ou parar as ondas dos vastos e profundos oceanos, vivemos dizendo que a vida é curta e deveríamos viver de forma intensa como se cada dia fosse o último, mas a verdade é que ninguém vive ou procede desta forma, ninguém quer arriscar, porque arriscar pode significar perder, e ninguém quer perder! Ninguém toma coragem de abraçar o desconhecido, o sedentarismo, o comodismo e o conformismo tornaram-se, de facto, no nosso pão do dia-a-dia, lamentavelmente.

A felicidade existe mesmo? Pessoas há que dizem que felicidade é uma caminhada e não o destino em si, felicidade não é o porto que se alcança no final de uma viagem, felicidade é o conjunto de coisas boas que se vive antes de chegar a este porto.

A felicidade não passa apenas de uma ilusão criada pela nossa mente sófrida com a clara intenção de perspectivar um futuro melhor do que o presente a fim de se consolar da realidade menos bela? Sendo assim, prefiro acreditar que existem apenas momentos de alegria, tais momentos que não são permanentes (como a felicidade) e sim momentâneos ou passageiros. Então, a felicidade

às vezes chega a parecer utopia segundo meu humilde discernimento, que o caro leitor poderá ou não concordar para dar mais asas ainda ao livre arbítrio que nos foi dado desde o dia da criação, mas vou contradizer-me porque acreditar em Deus é ter crença na felicidade, mesma crença que transforma a felicidade de utopia para esperança. — É difícil viver sem falar de Deus, — Ele é como o fio de luz que passa pelo furo das chapas e ilumina um quarto escuro, olhas ao céu e a Sua grandeza é notável, a brisa na pele, o sorriso das crianças, o Seu amor é perceptível, e no coração bom, Sua presença é sentida, porque falar de Deus é falar de amor, amor próprio, e principalmente amor ao próximo.

Mesmo amor ao próximo que se tem esfriado, como as escrituras dizem que aconteceria nos últimos tempos, mas qual é a relação do tempo com a felicidade? Tem se dito em tom de ditado popular que *“A felicidade do pobre dura pouco”*, mas quem é o pobre? Sou eu? És tu? Somos todos nós? Terá alguma coisa a ver com o que carregamos no bolso?

A felicidade é como droga, é das melhores sensações que enquanto humanos já experimentamos, é incrível como vivemos sedentos por ela, é o melhor paladar que nossa

língua já experimentou, é o melhor abraço que já nos vestiu e certamente o melhor perfume que já sentimos. É ter a tua oração respondida, receber um sim do pedido de emprego, do negócio que almejavas, da moça que tanto querias, comprar um carro ou uma casa, mas já, já volto a falar sobre felicidade.

O amor tem se esfriado tanto que se tem verificado nos últimos tempos violência de todos os tipos e gostos, e a violência policial não quis ficar de parte, aqueles que nos deveriam proteger e deixar aquela sensação de segurança em nós, são os mesmos que violam tais obrigações de sua parte. Cidadãos são mortos quase todos os dias por um policial em vários pontos do mundo, aqui na nossa sociedade vai acontecendo com alguma frequência. *Zungueiras* que saem pela manhã sem a garantia de conseguir o pão para colocar em suas mesas são mortas e deixadas à deriva no chão árido e empoeirado, com o sangue que é vida a esvaír-se de seus corpos cansados e transpirados, encharcados em lágrimas e suor. E o Governo consola-nos com refrigerantes, caixas de bolachas, cestas alimentares e rolos de papéis higiênicos para que de alguma forma amenizemos a dor sentida e desesperada dentro de nós, era suposto sermos

mais humanos, mas o homem que nos deveria
proteger, disparou sua arma e...

A mamã foi-se

E não mais há-de-voltar

Sua voz calou-se

Mano, quem nos irá consolar?

A bala roubou-nos o seu sorriso

Fez escorrer seu precioso sangue

Levou consigo seu brilho

Agora está distante

O cano bravou, levou nosso pão

Fomos jogados à sorte

Agora órfãos, lamento vão

Foste apresentada à morte

Mamã, a justiça por aqui é utopia

O ódio se levantou

Levaram-nos a alegria

A dor nos mudou.

Viver é difícil, viver às vezes dói. E os manos
arranjaram armas, cansaram-se de fugir. Ninguém
é melhor do que eles, só não tiveram as mesmas
oportunidades que outros tiveram, mas a vida é
feita de escolhas, e às vezes significa segures em

uma arma antes que alguém a segure e use contra ti. E nada melhor do que estar cara-a-cara com a morte para valorizar um pouquinho mais a vida. E perto da polícia, bandidos são só pessoas desorientadas e menos afortunadas que a vida decidiu não sorrir tanto para elas, mas isso nunca foi desculpa para assaltar, violentar e até matar nossos irmãos; ninguém cura a si mesmo magoando os outros. Toda forma de violência é reprovável e repugnante.

Eram e são frequentes os casos de violência doméstica dentro da nossa sociedade, foram até criados alguns *slogans* como forma de revolução, um deles era “PAREM DE NOS MATAR”, teve uma repercussão positiva, os índices de violência baixaram consideravelmente naquela altura, as mulheres aprenderam a se defender, ficar calada afinal nunca foi a solução, o resultado era sempre uma visita ao hospital, ou no pior dos casos era mesmo uma estada eterna dentro de um caixão, com direito às lágrimas do agressor para encenar da melhor forma possível aquele episódio, mas esses males ainda nos rondam.

Já agora, quantos casos de violência doméstica em que implica a mulher como agressora são levados a “sério”? Normalmente são abafados pelas piadas machistas de que “*homem que é*

homem não deve apanhar de mulher”, e feminismos que implicam homem apanhando de mulher como sendo uma espécie de empoderamento ou uma forma estúpida de revolução?! O problema é que isto só se torna problema quando é a mulher a vitimada, não estou aqui a defender posições, sou neutro, digo desde já, mas há coisas que se deve ter em conta antes de dizermos que os homens são, fazem e desfazem. Dito, feito! Aconteceu no ano passado na cidade de Luanda, um homem foi agredido por sua mulher e o mesmo foi prestar queixas no órgão de apoio e promoção da mulher. Como é que foi a repercussão disso na sociedade e nas Redes Sociais? Deixem que vos diga, o pobre homem foi vítima de troça! Tanto de mulheres como de outros homens. As mulheres partilham também do mesmo mal, também pecam nesse sentido. O sistema tentou desde cedo fazer-nos crer que a mulher quando apanha do homem é puro mal! E é mesmo! Todo e qualquer tipo de violência é puro mal. E quando a violência é contrária, então, é tida como revolução, torna-se engraçado e a vítima é tida como alvo de zombaria por parte da sociedade que o apedrejaria e crucificaria se o mesmo fosse tido como agressor, todo sistema só é a favor de quem lhe criou. O homem a cada dia que passa vai se corrompendo mais e mais, os dias estão difíceis, os dias são maus

e breves. Só Deus nos pode ajudar, somente em Deus encontramos refúgio e consolo durante os dias menos bons, luz para os caminhos e força para os dias.

“... Hoje em dia mulheres radicais usam o feminismo como desculpa para fazer e desfazer, para afrontar e enfrentar os homens, coisa que antes nem sequer no melhor sonho feminino acontecia, porém, na verdade, mulheres independentes e inteligentes também são submissas aos seus homens. E se por ventura mesmo que for a brincar discordares do feminismo vão chamar-te de machista, opressor, misógino, estuprador em potencial e outros adjectivos menos bons que não devem faltar no vasto repertório de quem anda bravo contigo”.

E o que é o feminismo se não uma manifestação selvagem, porém, humana, que todos os dias evolui, recusando-se de todas as formas permanecer no lugar em que foi deixado para florir e criar raízes? Nossas mentes nunca foram sedentárias, e em algum momento, claramente, isto contribuiu para o afastamento prematuro do *Éden*.

Ainda acredito que as próprias mulheres constituem um dos maiores empecilhos para o

próprio movimento, já que é, de facto, independência em todos os fóruns que procuram, por quê esperar sempre dos homens? Digo, como é que não serás objectificada e vista como mercadoria se tu própria te vêes como alvo de investimento de um homem?

Sou fã de mulheres que são donas do próprio nariz e que respiram seu próprio oxigénio, aquelas que compram a própria roupa, os próprios sapatos, o próprio perfume... que buscam nos homens somente um companheiro, não um banco ou uma espécie de investidor privado.

Para *Cláudia Ramos*, feminista, o feminismo é um movimento feito ou criado por e para mulheres, para que mulheres sejam respeitadas, valorizadas, tidas em conta e vistas com os mesmos direitos conferidos aos homens.

“Graças ao feminismo hoje temos a liberdade de votar, pensarmos por nós próprias e sermos donas do nosso nariz. Ainda falta mais, queremos mais, e por isso lutamos pelo direito de sermos nós mesmas, livres de qualquer tipo de preconceitos um tanto estúpidos e sem sentido algum.”

Continuou dizendo *“gostaria que entendessem que o feminismo não é uma revolta como muitos insistem em rotular, mas sim uma forma de*

lutarmos pelo direito de não sermos assediadas quando bem entendem por conta das roupas que vestimos. Não queremos ser estupidadas, andamos fartas disso, só apelamos pelo respeito da sociedade. A sociedade por si só comporta seus tabus e alguns são difíceis de quebrar; alguns acreditam que o feminismo vai contra algumas convenções há muito criadas, mas onde é que está escrito que lutar pelos seus direitos é crime?” Indagou.

“E o machismo é um dos principais males da sociedade actual, a superioridade que o homem sente em relação à mulher é alguma coisa como absurda. Eu mudaria o pensamento de muitas mulheres aprisionadas em casamentos e relações tóxicas por causa de filhos ou simplesmente porque a sociedade diz o que deve ser feito ou o que é certo, mesmas relações onde as mulheres são diariamente abusadas de todas as formas, o mal traz consigo suas variações”.

“Com o empoderamento feminino realmente desejo que possamos todas ter auto-estima suficiente para mudar as convenções sociais, pelo menos aquelas que estão erradas. Acredito num mundo onde as mulheres não se sintam oprimidas e possam, de facto, seguir seus sonhos sem medo

algum ou viver sem receio do preconceito alheio". Finalizou.

A vagina pressupõe a ideia de subjugação feminina. Fizeram-nos acreditar nisso quando ouvíamos frases como "*Lugar de mulher é na cozinha!*" ou "*Mulheres são o sexo frágil*". Rapazes que crescem ouvindo essas coisas tendem maioritariamente a tornar-se homens machistas, e meninas que crescem ouvindo isso tendem a crescer com a predisposição de sentido de inferioridade em relação aos rapazes, é facilmente maltratada pelos homens e nem sequer se tenta defender, porque afinal, mentalizou que os homens estão acima dela em todos os aspectos da vida.

Chamo isso de suicídio social, quando o indivíduo se priva dos direitos que lhe são conferidos enquanto membro de uma sociedade. Tal ideia de subjugação feminina vem vindo principalmente de filmes pornográficos e até mesmo de vídeo-clipes em que tem mulheres a sensualizar, imagens assim, prendem-se facilmente nas paredes do nosso cérebro, e segundo o *marketing* isso vende mais, digo, sexo vende muito mais! E não só, péssimas interpretações de "*A mulher surgiu da costela do homem*" fazem com que homens que até se dizem ser bons religiosos mentalizem que a mulher é uma espécie de devedora vitalícia, e tudo quanto ela

fazer não será suficiente para quitar esta dívida, como uma escravatura que implica género e não tom da pele, por exemplo.

Tanto, homens como mulheres são vistos pelos olhos de quem observa tais filmes pornográficos como meros objectos sexuais, dispensáveis, que servem tão somente para satisfação alheia, para bebermos de seus néctares sexuais nesses corpos de porcelana e depois serem colocados de lado, mas com cuidado para não quebrar, porque posteriormente havemos de precisar que nos satisfaçam novamente.

Maioritariamente observamos mulheres sendo as principais vítimas dessa discriminação de géneros e sexos, é claro, homens nem tanto. Considerando que sexo é uma questão física e\ou biológica, e género uma questão social e\ou psicológica.

Para os homens, a vagina pressupõe inferioridade, mulheres usam-na como moeda de troca para atingirem ou satisfazerem seus objectivos de vida e suas necessidades financeiras. Os homens deram a entender isso a elas, quando começaram a deixar suas mulheres em casa e começaram a pagar por sexo na rua. *Sodoma e Gomorra* nunca deixou de existir, só o nome mudou, só mudaram os tempos. Uma saia não é um

convite, não é um ingresso para invadirmos zonas que não nos pertencem ou que nunca deram a entender que nos dizem respeito.

No filme francês *Je ne suis pas un homme facile*, um homem que tinha todas as mulheres que ele desejasse e as tratava como bem lhe conviesse, acaba sofrendo um acidente e acorda num mundo em que tudo estava ao “avesso”. Imagina só, eram os homens que eram assediados na rua e até nos seus postos de trabalho por usarem roupas curtas e justas, eram os homens que tinham o “dever” de se depilar sempre, eram os homens que ficavam a cuidar da casa e das crianças enquanto as mulheres saíam para beber uma cerveja com as amigas ou ficavam estendidas no sofá a ver televisão, eram as mulheres que maioritariamente tinham relações extra-conjugais, e eram também os homens vistos como descartáveis depois de qualquer tipo de satisfação feminina. O mesmo homem que se viu nesse mundo “tenebroso” começou a entender as mulheres e seus problemas sociais, mais do que outrora entendia, e corrigiu suas impressões em relação ao sexo oposto. Afinal, a mulher não era uma escrava, mas uma companheira, que tinha a necessidade de gozar dos mesmos direitos e receber o mesmo respeito que era conferido aos homens.

O que dizer mais sobre este fenómeno que é o feminismo? Sem muito a dizer, não tenho tanto a acrescentar. São as mulheres a catalisarem o matriarcado, como quem viveu oprimido toda a vida, e então, revoltado, decide bater na mesa, como quem está farto de ser inferiorizado, humilhado, e precisa libertar-se dessas correntes machistas, sexistas e dessas camisas de força que são os preconceitos masculinos e até mesmo femininos. Em tom de brincadeira, só espero que como homens elas não nos obriguem um dia desses a urinar sentados, porque saias muitos de nós já usamos pelo menos uma vez na vida. Um brinde aos mecanismos de preservação que vamos criando enquanto humanos, um brinde às nossas feições, contornos, curvas e contra-curvas não sinalizadas, um brinde também à imperfeição, e ainda um brinde bem maior a nós, humanos.

VIII

CHAMO DE... PERSPECTIVAS!

Meu amigo *Kiame Tomalela* certa vez disse, “AS PESSOAS NÃO GOSTAM DE TI, GOSTAM DO QUE ÉS...” então, sustentou dizendo:

“O que tu és? Quem tu és? Por quê que és o que és? Podes mudar o que és? Por quê que mudarias o que és? És o que és por que queres assim ser ou és resultado da intervenção de vários seres? Na verdade, não quero entrar em debates sobre a liberdade que nos mantém presos em infinitos pensamentos. Simplesmente trago um monte de perguntas que em primeiro olhar pode denotar uma estupidez, mas há uma razão para tudo, até para a coisa mais estúpida e/ou vazia que podemos encontrar. Provavelmente, o problema se colocaria na relevância dessa estupidez para as nossas vidas, para a nossa existência, para a nossa essência ou talvez, para o caminho ao seu encontro.

Sinceramente eu não saberia responder o que a mim mesmo questiono. Embora não fique satisfeito, fico feliz por não conseguir pois, confio no pensamento de que a pergunta é mais importante do que a resposta. O que és, podes deixar de ser. Quem tu és não determina o teu ser. Espero que consigam me perceber. Nós somos o que somos não

por simplesmente sermos, mas por que até ao momento as circunstâncias e todos seus elementos moldaram a nossa existência.

Estamos frequentemente em metamorfose. E tu, aceitas essas mudanças em mim?

Às vezes mudamos por que as pessoas não aceitam as nossas imperfeições e quando com outras pessoas nos encontramos somos tendentes a mudar, ou talvez, resgatar as imperfeições de outrora. As pessoas não te vão aceitar com todas tuas imperfeições. Elas dizem que sim, mas, não é verdade. E afirmação de que «eu fico com quem me aceita como sou» é deveras estúpida pelo simples facto de vivermos em sociedade; sendo assim, tu não podes ser tu. Não és enquadrado. Tu tens de ser o que a sociedade quer que sejas para que estejas incluído. E a tentativa de seres tu acarreta em anexo a necessidade de seres solitário. A não ser que mergulhes na infantil convicção de que tu és tu mesmo, que não és influenciado por nada e por ninguém. Aí sim viverás no lado feliz da ilusão, abraçando a profunda ignorância benéfica que ludibria o nosso conhecimento sobre o nosso ser e a nossa existência.

A sociedade aceita o facto de sermos seres imperfeitos, mas há determinadas imperfeições por

ela não aceites. Tais imperfeições foram colocadas no lado mais negativo de um ser. Uma simples questão: por quê?

Quem teve a legitimidade e ousadia de criar as categorias, melhor, a hierarquização das imperfeições que são inerentes a nós?

E isso me faz perguntar: gostas de mim ou do que sou? Sem o que tenho e se não fosse como sou, o que faz com que eu seja o que sou, tu não gostarias de mim?

Concluo a provocação para reflexão dizendo que nem tudo que faz sentido é verdadeiro e nem tudo que é verdadeiro faz sentido. O verdadeiro sentido surge na reflexão que vem coberta de elementos que permitem serem sentidos.”

Reflecti sobre isso, e em parte concordei com ele, mas não lhe poderia deixar tão à vontade com o raciocínio dele (Risos), então, tive de arranjar um contra-argumento para alimentar a nossa saudável rivalidade de pensamentos que algumas vezes temos.

Refutei dizendo “... não será uma homogeneidade (gostarem de ti e\ou gostarem do que és) que tentamos ou insistimos mesmo em tornar numa coisa heterogénea? Bem, então, talvez não sejamos ou nunca fomos nós mesmos. Digo, nós não somos

nós! Porque tentamos sempre transmitir às pessoas as nossas melhores feições e nossos contornos mais bonitos, mas é difícil, porque somos a soma de todas as pessoas que conhecemos, que nos envolvemos e convivemos. E nessas relações, ninguém entra ou sai de bolsos vazios, acarretamos sempre algo connosco e nem tudo são belas flores. Nós somos o que nos permitimos ser, e em algum ponto da construção do nosso ser fomos selectivos no que toca ao ser ou não ser, e se escolhemos ser alguma coisa, então, na verdade, talvez sejamos o que somos, e não o que a sociedade impôs directa ou indirectamente para que fôssemos.

Certamente em algum ponto da nossa evolução acabamos por nos tornar alguém que o meio em que estivemos inseridos, obrigou-nos a ser, sou prova disso, mas nesse percurso, comecei a gostar do que me estivera a tornar, então, as pessoas tiveram que me aceitar tal como sou, gostando ou não, naturalmente.

Então, prefiro acreditar que o «ser» não se baseia somente no que nos é imposto pelas pessoas ao nosso redor, considerando o facto de que moldamos nossa personalidade diariamente. Por cá, eu sou o que me permiti ser, o problema talvez se baseie na ideia de que há liberdade apenas quando nos desviamos das condutas sociais,

religiosas ou mesmo daquelas que estão na base da fundação das nossas famílias. A famosa história de que a educação parte de casa, mas é certo mesmo não entrar em debates sobre a liberdade que nos mantém presos em infinitos pensamentos.

E sim, as pessoas gostam de mim e também do que sou. Porque consigo trazer à tona a pessoa que sou cá dentro, sem receios e sem temor a hipotéticos julgamentos e possíveis rejeições. Como dizia o grande William Shakespeare, «Ser ou não ser, eis a eterna questão.»” Finalizei.

Eu acreditei tanto no que escrevia enquanto ia escrevendo, que me surgiu em mente a questão “*As pessoas amam-te ou amam as tuas qualidades?*” Então, fui conduzido ao raciocínio de que as pessoas te amam por representares alguma coisa boa, mas ainda assim, mães amam seus filhos mesmo sendo criminosos, por conta das lembranças da infância, ou porque sentimentos maternos não se aplicam por estas bandas, quiçá! Porque sua condição actual, de criminoso, não permite que seja digno de receber qualquer tipo de sentimento bom, sejamos realistas. As pessoas dizem que vão estar lá para nós, para sempre, salvo se cometermos um erro grave, omitem essa condição porque nossos defeitos sobrepõem-se às nossas qualidades quando erramos uma única vez,

quando acertamos ninguém se dá o trabalho de nos elogiar, quando erramos surge todo mundo com uma pedra em cada mão. As mulheres, os homens, apaixonam-se pelas nossas qualidades, nunca ninguém vai chegar e dizer “*quero namorar contigo porque és egoísta, orgulhoso, sonso, cínico, rude e estúpido...*” desde que ali não tenha a mão de um poeta, porque a licença poética e suas matreirices lhe permitem amenizar qualquer aspecto negativo ao favor de ti, ao favor do que desejas. As pessoas andam obcecadas com a ideia de que as pessoas de quem elas gostam, ou as pessoas próximas de ti, partilhem dos mesmos gostos, aspirem as mesmas coisas e que possam singrar na vida como eles singraram, estão prestes a singrar ou pelo menos almejam fazê-lo. Essa última parte é de se louvar!

Todo ser humano por natureza é um potencial catalisador de influências. Veja, sou um adepto ferrenho do meu *Real Madrid*, e amo a ideia egoísta de fazer com que minha namorada deixe o seu *Barcelona* e junte-se a mim, na equipa dos vencedores, ora, vencemos três *Liga dos Campeões da Europa* consecutivas! Não é obra?! (Risos)

Por outro lado, um senhor X é licenciado, mestre, ou tenha até um grau académico mais elevado! Fez uma faculdade, naturalmente, e aspira que o seu filho tome o mesmo rumo e siga seus passos

porque o povo diz que filho de peixe é peixe! E o senhor X faz de tudo para que eventualmente tal coisa venha acontecer, este é o retrato fiel de todo pai egoísta com oscilações de autoritarismo. O senhor X já perguntou ao seu filho se quer fazer uma faculdade? E se não for o que ele almeja? E se não for isso que ele deseja para si mesmo? Deverá ainda assim fazer para agradar o senhor X ou fazer porque é uma espécie de conveniência social porque a sociedade todos os dias nos tem feito crer que sem uma faculdade feita somos meramente o grupo localizado mais afundo numa hierarquia de importância social?

Vivemos a vida injectando nossos sonhos nas cabeças alheias. E isso é negativo! E os sonhos destas pessoas como ficam? Não te soa algum egoísmo à mistura nisso tudo? Queremos sempre mudar os outros, somos como pequenos deuses, tentando a todo custo e gosto, moldar pessoas à nossa imagem e semelhança. Na verdade, parece que ninguém gosta de ti, as pessoas gostam é do resultado da soma do que eles irão um dia acarretar à tua vida, e isso as deixa tranquilas, tão tranquilas que tu provavelmente vai pensar que, de facto, te aceitaram tal como és, mas não, não mesmo.

E quanto às pessoas desconhecidas, as pessoas sentem-se atraídas por ti nos primeiros minutos,

depois disso, obrigatoriamente, terás de mostrar alguma coisa mais, e se isso não agradar ou não for suficiente aos olhos de quem vê, poderão surgir duas possibilidades, ou a pessoa fica e tentará mudar-te, ou a pessoa decide afastar-se. A escolha de uma das opções depende seriamente do quão interessante mostrares ser nesses primeiros minutos.

“Um líquido é um estado da matéria sem formato específico, muda facilmente e molda-se ao seu recipiente. O corpo humano é 70% composto de água.”

- Anónimo

“AS PESSOAS NÃO GOSTAM DE TI, GOSTAM DO QUE ÉS...” *Kiame Tomalela* tinha sua razão quando disse esta frase, e eu sabia, concordei discordando, porque é sempre um belo exercício mental. E sim, a pergunta às vezes é mais importante do que a resposta. Então, as pessoas amam-te ou amam as tuas qualidades?

Ainda sobre a felicidade...

“Felicidade é prazer..., mas também é sacrifício.”

Sacrifício está normalmente associado ao amor, no entanto, amor está associado à felicidade, sendo

a felicidade uma de suas ramificações, e então surge o sacrifício. Cremos também que para atingir a felicidade há que se passar por sacrifícios, abrir mão de certas e muitas coisas, então isso leva-nos a crer que sacrifício é o degrau que antecede ao degrau da felicidade. Como dois irmãos que emanam do mesmo leite, mas que não se juntam. Ou não desfilam na mesma passarela ao mesmo tempo, nossas câmeras fotografam um de cada vez, cada um no tempo em que impera.

“Felicidade é o novo errado.”

As pessoas vivem dizendo *“não quero estar certo, quero estar feliz”*, mas espera ali, felicidade é o novo antônimo de certo? Não dá para estar certo e feliz ao mesmo tempo? Porque eu gosto de estar certo, vocês não? E quando estou certo sinto certa paz de espírito que vocês nem imaginam, e paz de espírito é quase plenitude, ignorando outros factores externos é felicidade sim.

O narcisismo nas redes sociais é a nova definição de felicidade? Quando é que nos tornamos tão sedentos por *likes*, atenção e aprovação alheia? Elogios e *Likes* nas Redes Sociais são como drogas, um impulso que vai direito ao cérebro para injectar hormônios de felicidade, em Biologia fala-se da *serotonina*, o *Facebook*, o *Instagram* e outras redes

sociais vendem felicidade em altas proporções para viciados e escravos da aceitação alheia, é a *serotonina* e *dopamina* em puro estado digital. Quantas vezes verificaste a foto que carregaste no *Instagram* ou no *Facebook* hoje para ver quem curtiu ou comentou a mesma? Até quando saímos para comer queremos fotografar a *pizza* que estamos prestes a devorar, quando namorámos utilizamos o tempo para fazer *snap*s e deixar no ar a ideia que somos um casal feliz, o que nem sempre corresponde à verdade. Porque aparências são só aparências.

Comentários positivos fazem bem a qualquer um, isso é bem verdade, mas aceitação de terceiros ainda é uma coisa perigosa, tornas-te numa marioneta. Queremos aceitação e também queremos elogios, as pessoas querem o que querem quando querem, e quando não se tem o que se quer quando se quer o que surge é um desabamento, o famoso imediatismo se faz sentir e a famosa ansiedade que traz consigo a sua grande amiga crise não fica de parte nesse *meeting*.

O oposto de tudo que buscamos e não encontramos nas Redes Sociais relacionadas às coisas acima citadas poderá conduzir o adolescente\jovem menos preparado para uma caminhada lenta e um tanto atribulada em direcção

ao buraco negro que é a depressão. Como assim adolescente\jovem menos preparado? Menos preparado no sentido de se aceitar tal como se é, dar-se o devido e merecido valor, e aceitar tal como a vida por si só é.

Vai sempre faltar alguma coisa em nós para que nos sintamos completos e satisfeitos, ou melhor, poderá faltar muita coisa mesmo, nunca atingiremos a perfeição ou plenitude do nosso ser enquanto seres terrestres, isto está reservado ao Criador. Somos insaciáveis, e todo ser-humano é um quebra-cabeça de carências, nunca seremos os mais bonitos, porque sempre existirá alguém “melhor apanhado” do que nós, ou então, vai sempre existir alguém mais inteligente do que nós, mais robusto ou até mais magro.

Vai sempre faltar alguém, vai sempre faltar alguma coisa que os outros tenham e tu não tenhas, o mundo funciona assim, aceita isso! Ao *Cristiano Ronaldo* falta-lhe uma Taça do mundo pela sua selecção, ao *Lionel Messi* falta-lhe o mesmo ou talvez mais, sabe-se lá! São também pessoas insaciáveis dentro do mundo deles que é o futebol. Entendes onde quero chegar? Seja feliz com o que és, e com o que tens, és fenomenal, és louvável. Pois, quem não se satisfaz com o que é e com o que tem, tende a se tornar escravo das suas

vontades e das vontades alheias, perde o bom senso, tende a se tornar invejoso e vai procurar sempre prejudicar outras pessoas para atingir seus objectivos. E é claro que não queremos isso para nós, mas também, não te quero influenciar a ficar parado, busca por excelência, seja bom no que tu és e no que fazes, mas é claro, ninguém é degrau, ninguém é meio para atingires os teus fins.

O mundo que conhecemos mergulhou no conformismo, o suficiente tornou-se o pleno. Ninguém mais busca por excelência, ou melhor, o excelente é o novo normal. Em que ponto como sociedade e como indivíduos baixamos nossos padrões de exigências? O fácil e o confortável tornaram-nos preguiçosos mentais, já quase ninguém sonha mais, já quase ninguém cria e inventa coisas. Recebemos com duas mãos o que nos é imposto, ninguém questiona, ninguém mais é ousado. Recuso-me a viver assim, recuso-me a retirar os factores interrogação e ousadia da minha pequena equação. Por conta disso, também, já não se fazem génios no nosso tempo, as modernidades têm congelado o nosso lado criativo.

Sabes? Ignorância é coisa boa hoje em dia. Sim! Pelo menos para os malogrados de espírito é sim. O que não sei, o que não vi nem senti em nada me pode afectar, não tem qualquer poder sobre mim.

Não há mais expectativa no desconhecido, quão fundo é o poço em que nós caímos?! O ambiente em que vivemos está envenenado, ninguém mais brilha, ninguém mais ilumina, viver nunca foi tão aborrecido. Parecemos indiferentes a tudo, quiçá por receio de se magoar, mas indiferença em relação ao próximo é não amar o próximo. O Mestre orientou que amássemos ao próximo como a nós mesmos. E como é ser feliz sem amar? Felicidade é amor, ou então, felicidade é tudo uma questão de perspectivas, o que de alguma forma acaba por fazer mais sentido a este caos que corresponde a viver e tirar as suas próprias conclusões.

Felicidade é amor, já mencionámos isso. Então, como amar uma mulher?

É banhá-la todos os dias com aquelas frases *clichês* de que ela é a mulher mais linda do universo e deixá-la com aquela sensação de *dejá vú* porque certamente já repetiste as mesmas frases vezes sem conta fazendo com que ela as conheça de cor e salteado? Bem, toda mulher ama ser elogiada, mesmo que implique usar exageradamente a hipérbole, há tempos me meti em problemas por conta disso mesmo, agora, qualquer elogio é crucial nesta promessa que fiz de elogiar sempre que possível. Isso tudo logo após eu reclamar de alguma

coisa que estava errada, mas mulheres são especiais meu amigo, mas tão especiais ao ponto de virar o jogo a seu favor, era eu quem tinha razão, mas por não elogiar o novo penteado acabei sendo eu a pedir desculpas quando na verdade eu as merecia, mulheres te atacam para se defender; um brinde às mulheres!

Porque todo homem já passou por isso, de vítima a culpado em questões de segundos. A verdade é que parece que mulheres nos dias de hoje não precisam sublinhar tanto a questão do empoderamento feminino, no fundo elas já têm a capacidade de fazer funcionar esta indústria que é o mundo, não precisam de manifestações com placas a pedir seja lá o que for, mas a verdade é que o sexismo e o machismo ainda estão bem patentes, mas não vamos julgar isso. Homens e mulheres, somos diferentes e a diferença faz o mundo, somos diferentes ao ponto de pensarmos diferente, nenhum melhor do que outro, quando nossa essência é boa, quando não há maldade em nós. Talvez sejamos mais do que as pessoas possam ver, o mundo raramente nos vê com os olhos de ver. Não peço compreensão, só aceitação. Compreensão às vezes é pedir demais.

Como amar uma mulher? É como ler um livro de romance, tu deves deliciar-te de cada linha, cada

parágrafo, cada capítulo como se fosse a tua própria história de amor, que na verdade é. É experimentar paladares num banquete temperado de maus feitios e virtudes, é ter ela distante, para lá das montanhas, bem distante de ti, e ainda assim, rejeitares outros abraços, outros beijos e outros perfumes, e só preferires as mesmas conversas, mesmo corpo e mesmo sorriso.

É entregar-se de forma desenfreada nessa aventura, é viver sonhos e pesadelos que te recusaste ter por receio de seres magoado, o que é bem normal. Como amar uma mulher? Deixa, antes que te diga que isso é coisa de homem corajoso, é coisa de homem bem resolvido, que sabe bem o que quer quando quer, é entrar no jogo mesmo sabendo que a qualquer altura tu podes perder a aposta. É correr atrás, e nisso não há nada do que se envergonhar, vergonhoso continua sendo não amar. É despir-se de todas as convenções masculinas, e tentações machistas, é ter coragem de ser o que se é e fazer com que ela aceite e abrace isso, é deixá-la livre, porque amar não é possuir, aves são mais lindas no céu do que em gaiolas, mesmo que estas tenham grades de ouro. Amar uma mulher é se desfazer de frases programadas e previsíveis todos os dias, porque a mulher que tu amas merece poesia.

IX

MEMÓRIAS DE UM APAIXONADO

O que são memórias de um apaixonado se não um banquete de variedades sentimentais e emocionais?! Onde perdemos maioritariamente e ganhamos algumas vezes. Há drama, intrigas, insônia, várias mentiras com o pretexto de licença poética como amar os defeitos de outrem, verdades que doem, dor de todos os tamanhos e feitios, sorrisos de alegria e de algumas despedidas, prazer férvido e saudade ingrata à mistura. Só te deixes levar e abraça tuas quimeras.

Nas memórias colecionadas de um apaixonado inevitavelmente vão sempre existir coisas menos boas como despedidas, alguns tentam romantizar isso, mas cá dentro de mim é das coisas que mais aprendi a detestar.

Acho que é por isso que detesto despedidas, é tudo muito sério, há muito drama envolvido, é tudo muito pragmático e “certo”, e repare que na maior parte das vezes, fazer o certo nem sempre vai significar sinónimo de felicidade para nós, o certo geralmente é mais benéfico para os outros do que para nós mesmos. Fazer o certo é fazer bem ao outro! Imagina que gostas daquele jovem que tem uma namorada, o certo a se fazer é não interferir

nesta relação, mas é o que queres? Porque imagino que a tua felicidade implicaria estar com ele, mas ele já tem uma parceira e o bom senso não permitirá que coloques a tua colher na relação alheia. E quanto a nós? Quem fará o certo para nós? Vou responder dizendo que nós próprios temos a responsabilidade de fazer o certo para nós mesmos, mas estás disposto a passar pelos espinhos para chegar às rosas? Tua felicidade vale mais do que dos outros? Boa reflexão para ti!

Despedidas são dolorosas e parece sempre que é ou é mesmo um beco sem saída. A frase “somos humanos” é o maior remendo que usamos para tapar os buracos dos erros que nos habituamos a cometer e temos cometido. Ninguém erra sozinho na maior parte das vezes, nossos actos são na sua maioria reflexo de actos de terceiros, tudo funciona como efeito dominó, meus actos hoje se vão repercutir lá mais em frente, e no pior dos casos, é claro, que o acumular desses episódios menos bons se vai transformar em decepção e despedida.

É difícil realmente perder ou ver pessoas de quem tanto gostamos afastarem-se de nós como se fôssemos um vírus ou uma patologia mortal, estou quase certo de que as frases mais dolorosas que até hoje terei escutado foram “... *por favor não me beije, se realmente gostas de mim um pouquinho*

que seja por favor não me beije, não faça isso comigo, não cause ainda mais estragos cá dentro de mim, estou cansada de passear em incertezas, nesse chão áspero que tanto fere os meus pés cansados de tanto andar atrás do teu amor que já tem dona, devo ser burra, sim burra! Privei-me de experimentar outros amores porque vivia no mundo utópico de um dia poder finalmente estar contigo depois destes dias menos prazerosos que vivi (emos). Eu literalmente me segurava para não ter que ligar para ti, eu estava de facto viciada em ti, eras como uma droga de pele negra, olhos castanhos grossos e um sorriso perfeito, que sabe dizer o certo no momento certo e naturalmente deixar-me sem jeito, e quando falávamos era o auge do que se calhar alguns chamariam de amor, eu alcançava as nuvens sem tirar meus pés do chão, eu viajava em pensamentos, de mãos dadas contigo a beira-mar, vendo o sol beijando o horizonte quando generosamente cedia seu lugar à lua, que alegremente por sua vez nos fazia companhia. Mergulhava fundo nas palavras bonitas e açucaradas que incansavelmente dizias para mim, e eu as inalava sem receio algum. Eu vivia nesse mundo cor-de-rosa que criei para nós dois, mas estive lá sozinha por muito tempo, esperando esperançosa e incansavelmente por ti, até que

conheci minha amiga solidão. Habituei-me e comecei a gostar dela.

Grandes amores também têm fim, foi pensando em ti que escrevi a primeira bela poesia, mas se tu já tinhas alguém por que me procurou? Por que ousou alimentar tais ilusões cá dentro de mim? Ilusões de que tu eras meu, ilusões que se calhar eu era a principal catalisadora e culpada de as ter criado, afinal, fui eu quem se deixou levar pelo aroma que exalavas, fui eu quem se deixou levar pela narrativa do meu sorrateiro coração quando confidentemente falava de ti ao meu ingénuo e fácil de se enganar cérebro. Foi pensando em ti que o amor cá dentro de mim perdeu credibilidade, mas grandes amores também têm fim, principalmente quando é unilateral e quase nunca recíproco.

Talvez não tiveste coragem suficiente para abandonar o teu mundo e mudares-te para o meu, largar quem ou o que te segurava por lá, largar as tuas coisas e vires para cá ser feliz comigo como se calhar nunca antes tivéssemos sido, pelo menos hipoteticamente. Trocar sorrisos nos intervalos curtos de nossos beijos, desfrutar de conversas desorganizadas, falar de livros e de café, ou então de qualquer besteira que nos ocorresse no momento, era tão simples e fácil conversar contigo, as conversas fluíam com toda naturalidade, e

apaixonar-me por ti deve ter sido a coisa mais fácil que alguma vez já terei feito. E nessas chamadas telefônicas fora de horas e sem avisos prévios eu sempre dizia para ti que serias meu, que terminaríamos juntos mesmo que estivesses com uma idiota qualquer, porque tu eras apaixonado por mim, eu sentia e conseqüentemente sabia. E quanto a mim? Bem, tudo que eu disse deve servir de resposta para tal pergunta um tanto redundante e descabida.

Apesar disso, tu não ousaste esperar por mim, cinco anos não passam num estalar de dedos, eu sei, são muitas estações, muitas noites estreladas e muitas colheitas, seria muito egoísta da minha parte pedir-te que esperasses por mim até que eu voltasse à província, ao pé de ti, como sempre quis, mas às vezes sou egoísta sim e realmente desejava do lugar mais recôndito do meu cérebro e coração que o fizesses. Diz para mim, tu gostas dela? Quero dizer, és feliz com ela? Ela te faz bem? Mas para, para! Não nos compara, magoas-me com esses elogios aguçados que diriges a ela, talvez não devesse fazer perguntas das quais não gostaria de ouvir as respostas, devo ser mesmo burra! Melhor nem falarmos mais sobre isso, meus olhos enchem-se de lágrimas. Talvez não nos vejamos mais, acho que é aquela parte em que cada um segue sua vida.

Então, por favor deixe-me ir, talvez vá ter com uma amiga, preciso é de um ombro para chorar; já é tarde sim, mas não te preocupes com as horas. Sabe, as pessoas dizem que fazemos um belo casal, e eu também acho. Tu és bonito e eu também sou, teu sorriso é lindo tal como o meu, ambos nos interessamos por arte; eu faria as fotos e tu escreverias os textos para as legendas, tu és alto e eu sou bem mais baixa do que tu, encaixe perfeito... só não vê quem não quer! E outra coisa, não serei eu também a mandar mensagem para ti, então, feliz noite para ti, e bom dia para o dia de amanhã.”

Tique-taque!

Tique-taque!

Fez-se silêncio, silêncio tal que tudo que se podia ouvir nos escassos minutos que tínhamos eram os ponteiros do relógio preto apertado no pulso do meu braço esquerdo, tal silêncio que parecia dilacerar quaisquer possibilidades de um impossível e utópico reencontro num futuro incerto. A noite que tanto prometia ser de sorrisos e criação de boas memórias foi terminando comigo sentado numa ponta da cama e ela sentada noutra, olhando para o nada naquele quarto pequeno que parecia ser vasto naquele momento, sem muito a dizer, ou melhor, já não havia nada mais a se dizer,

palavras já haviam sido jogadas ao vento, sentimentos foram aparentemente desfeitos e motivos de superação foram criados ou fortificados por parte dela. Ela dizia que precisa superar tudo que outrora eu representara para ela em todos os moldes, dizendo que seria melhor assim, disse para mim que ficaria bem, então, triste eu sorri concordando com ela.

E num abraço inesperado que exalava a mistura de nossos perfumes que casavam perfeitamente um com o outro, apertou-me forte, tão forte que se percebia que tinha tons de despedida e detalhes de um *“até nunca mais meu amor”* naquele nosso último abraço, um abraço que falou mais e melhor do que verbalmente poderíamos ter dito um ao outro mesmo que tentássemos, e tentativas não faltaram. O céu estrelado era testemunha do que terminou mesmo sem ter começado, no meu peito meu coração parecia estar a desfazer-se, imaginei que teria uma noite em branco enquanto ia meditando no que havia acontecido entre nós horas atrás, de facto, tentei, tentei mesmo, mas parece que de nada serviu, então me contentei com lembranças de nós dois. Talvez, de facto, tenha sido um definitivo adeus, nunca saberemos, são possibilidades... e impossibilidades, a linha que as separa é ténue. Então...

*Espere por mim
Espere por mim enquanto eu falo de ti às estrelas
Enquanto caminho descalço pela areia
E a brisa, teu nome sussurre e traga consigo o
cheiro do teu perfume
De ti, de nós, só minha almofada sabe
Espere por mim
Espere por nós
Antes do fim, antes que acabe
Entre nós só a distância
Que nos separa, sem graça
Sufocado pela ânsia
Que meu sorriso disfarça.*

Numa outra memória de um apaixonado as dúvidas e novas paixões são só detalhes minuciosos daquilo que é o amor, e estórias inacabadas são uma delícia para o autor que deixa o desfecho nas mãos de quem lê, e em contrapartida, uma bomba de curiosidade para o prezado leitor.

... e ele viu-se encostado ao muro de seu quintal observando a rua naquele princípio de noite de um Sábado frustrado. A lua majestosa ainda não passeava pelo vasto céu já escuro, as crianças da vizinhança faziam-se sentir com brincadeiras, gritos e gargalhadas, felizes, ainda não sabem que o futuro é bem mais doloroso que uma ferida no joelho, a verdade é que nem isso ou o passar de pessoas pela rua o distraía, porque tudo que passava pela sua cabeça era o que lhe estava a acontecer naqueles últimos dias da segunda quinzena daquele Agosto empoeirado. Surgia em seus pensamentos um novo sorriso, uma nova mulher que de todas as formas demonstrava que se importava com ele, que fazia ele perceber que se poderia sentir amado, se ele desse espaço ou mesmo uma pitada de esperança para que ela avançasse, mesma menina mulher que ficava frustrada quando ele desaparecesse todo dia e não dava qualquer sinal de vida.

Ela estava embalada, parecia que ela se estava a envolver demais naquilo que ela começara a sentir por ele, era tão pouco tempo em que eles começaram a conversar um com o outro, não tinha sequer uma semana ainda desde que ela enviou uma mensagem a ele no *Facebook*, naquela quase madrugada de quarta-feira, “*nunca antes havíamos*

falado um com o outro?! Não acredito!” disse ela; *“pois, não acredito que ainda nunca me tivesses incomodado.”* Ele rematou sorrindo. E tudo fluía naturalmente, parecia que tudo se encaixava e fazia sentido, eles conversavam sem se cansar e foram percebendo que um se encaixava nas medidas do outro perfeitamente, tinham tantas coisas em comum, desde suas manias, seus defeitos à suas virtudes e atitudes. Parecia tudo muito certo, parecia que ela já não conseguia mais viver sem ele, como se tivesse vivido sua vida para aqueles momentos, aqueles instantes ilusoriamente infinitos, as noites em que ele desaparecia eram destruidoras, sentia-se abandonada e privada da reciprocidade que tanto sonhava existir, e era uma questão de tempo para que ela se abrisse e dissesse “tudo” o que sentia por ele.

Ela era negra, naturalmente tinha olhos castanhos e grossos, tinha média estatura, era linda e tinha uma voz bonita. Exalava simplicidade, carinho exagerado e demonstrava que se preocupava com os seus, já havia ultrapassado a barreira dos 20 anos, então, conquistas não eram novidades para o leque de experiências dela. Tinha um perfume maravilhoso e sabia abraçar. Quiçá tivesse medo de falar sobre os sentimentos que o

invadiam, talvez se quisesse abrir mais, aventurar-se um pouquinho mais, afinal, só ganha quem se arrisca; ela tinha noção de que aquela nuvem carregada de romance poderia não durar para sempre, mas ela preferia fingir que não sabia disso. Pois, tudo que surge um dia está fadado a terminar no outro dia.

Era tudo muito bonito para ele, afinal, que homem não gostaria de ter ao seu lado uma mulher que o compreendesse? Que gostasse de futebol um tanto como ele gosta, e que conseguia prever suas frases antes mesmo dele as terminar? É um sonho! Daqueles bem *clichês*, de roteiros de filmes de comédia romântica, que tanto se fartou de assistir desde sua adolescência à sua juventude. Ele falava tanto dela aos seus amigos, de como as coisas estavam acontecendo depressa e surpreendentemente bem, nem a luz era tão rápida quanto o desenrolar daquele episódio, nem as rosas eram tão bonitas e nem o melhor mel era tão doce. Ele era bem mais alto do que ela, tinha aquela barba que lhe dava ainda mais aquele ar adulto, tinha os dentes caninos bem salientes o que lhe proporcionava um sorriso rico, qualquer mulher adorava contemplar aquela paisagem, seus braços eram compridos e ela cabia e poderia viver naquele abraço, seus ombros eram largos e ela poderia

descansar tranquila nele, com a certeza de que todo qualquer problema se resolveria, qualquer tristeza desvaneceria e conseqüentemente o conforto apareceria. Seus olhos eram grossos e prendia neles qualquer uma que ousasse desafiar suas habilidades de conquista e palavreado bonito que seu cérebro cozinhava, e sua boca com seus lábios carnudos e meio rosados servia aos ouvidos de quem tivesse que ouvir; era loquaz, satírico e vivia mergulhado no seu mundo de palavras e versos bonitos como todo bom poeta, então conquistas eram o seu forte, *“palavras são importantes”*, dizia sempre com um sorriso estampado no rosto.

Nem tudo são rosas, era impossível tudo ser assim quase perfeito e não existir qualquer proibição ou coisa menos boa para atrapalhar o que se queria viver e sentir sem restrições, de forma desenfreada e selvagem, entregar-se aos seus desejos carnis e deliciosos, diga-se de passagem, tinha que existir um obstáculo, há sempre um obstáculo para amores repentinos e despreparados, e naquele caso não seria diferente, existia o facto bem patente de ele já ter uma namorada, sim, uma namorada.

Como dizer isso para ela? É fácil dizer *“diga de uma vez, assim evita-se o drama, evita-se tanto*

sofrimento.” É verdade, e eu concordo, mas como dizer isso a uma mulher que já passou por uma decepção amorosa? Alguém que se entregou e depositou-se em sua relação e tudo que recebeu em troca foram lágrimas e noites que pareciam nunca amanhecer, vivia presa em pensamentos infinitos culpando-se sobre coisas medíocres que ela não era, mas poderia ser ou tornar-se só para agradar um idiota que ela chamava de namorado, que não a soube tratar da melhor forma possível. Diz-me, como dizer à ela que aquilo que se estava a viver não passava de um intervalo efêmero e doce num ciclo vicioso de dias salíferos e longos? *“Deveras, ninguém compreende, o jogo é bem mais fácil quando o observamos de fora, sentados no banco de suplentes”*, era assim que ele pensava.

Ele tinha uma namorada que o amava e que reciprocamente ele também a amava, ela representava sua referência de prazer e de vida futura. Sempre que escrevia sobre sua namorada seus dedos galopavam livremente por aquele teclado negro daquele computador já velho e empoeirado, sedentos de atenção, seus dedos precisavam ser ouvidos, sua mente quase não mais suportava esconder seus devaneios em seu travesseiro, que sem reclamar já guardava seus sonhos e segredos. Seus olhos olhavam para ela

sempre que ele olhava ao espelho, ele a via em si, suas roupas exalavam o cheiro dela depois de abraços de várias tardes em que o sol se punha lá onde o céu terminava. Fazia-se sentir a sua ausência, ele sentia o toque dela em sua pele, mas era só a brisa, mas para ele, por algum momento e por alguma razão, não parecia ser só a brisa.

Não que tivesse deixado de gostar de sua parceira, muito longe dessa possibilidade quase remota; mas ele apaixonara-se por uma outra mulher, apaixonara-se por uma outra vida, por uma outra rotina, por novos gostos e desgostos também. Como tudo terminou? Nunca saberemos... Porque o autor é digno da sua intenção, e o leitor é digno da sua interpretação, e ambos são dignos da sua imaginação.

SEMI-DEUSA

Alguns povos eram conhecidos por seu politeísmo, veneravam e acreditavam em diversos deuses, cada um desses deuses possuía uma particular característica, habilidade ou poder. Muitos eram parecidos aos humanos, na sua forma física, personificavam sentimentos humanos, emoções e até certos “modos vivendi”.

No seio das deusas, gregas em particular, havia aquelas que se destacavam por sua coragem, beleza e força.

Vivia meus dias repetidamente, num loop, afogado na rotina que cegamente abracei, sem questionar, só me entreguei. De segunda a sexta, fingia ser o aluno exemplar, tentando de alguma forma dar algum orgulho aos meus pais, porém, há muito que abri mão do gosto pela escola, sinto que lá só perco meu tempo, nada aprendo, e sinto até que deveria ser professor dos meus colegas, mas ainda assim, continuo sendo torturado pela falsidade acadêmica que girava em torno daquela instituição. Abençoado com amizades banhadas em interesses puramente solitários, que emanavam daqueles estudantes que vinham de outras paragens, alguns, quiçá, de formas a fugir de uma hipotética xenofobia.

Por outro lado, não menos importante, o sorriso descarado, falas irônicas, e conselhos hipócritas daqueles que carinhosamente chamamos de professores, os auto-eleitos nossos segundos pais, já que a escola foi proclamada nossa segunda casa, naturalmente.

A universidade chega a ser tão fria quanto o meu Lubango nos idos de Junho e afins. E nem me refiro somente à temperatura que tiranizava entre aquelas paredes profanadas pelo implacável tempo, que se falassem, certamente contariam segredos amargos, do que viram e do que ouviram ser dito por lá. As paredes são nada mais, nada menos testemunhas mudas do sangue, suor e lágrimas que escorriam daqueles corpos humanos, que caíam e eram amparados por aqueles empoeirados e desgastados mosaicos, do tempo em que o Lubango ainda não era Lubango.

Aos Sábados eu centrava minhas atenções no futebol, me embriagava com isso, como se de um vício se tratasse, talvez fosse. Os domingos não eram tão diferentes, salvo a exceção de uma saudade fantasma que surgia no limiar da noite, e atroz rompia o meu peito. Que grande exceção! Saudade fantasma porque sentia falta do afago, do calor e do toque de uma mulher que ainda não conhecera, ou talvez já a tivera conhecido, só não

fazia a minuciosa ideia de quem se tratava, mas prometo que voltaremos a esse assunto lá mais para frente, afinal, é por isso que estamos aqui. A vida ama nos sacanear com essas investidas diabolicamente deliciosas.

Então, eu me colocava na rua, com as mãos em cada um dos bolsos do meu casaco preto, que com toda razão, andava farto de mim e das minhas saídas noturnas. Por meus ouvidos entravam músicas que soletravam versos dessa saudade, que masoquista eu gostava de sentir, músicas que saíam dos auriculares brancos presos em minhas orelhas, sinceramente, no momento, jurava não existir companhia melhor.

Sempre gostei do frio, mais ainda da noite, parece tudo mais sossegado, as pessoas não transpiram, sente-se melhor o perfume, e fico observando o recolher das pessoas aos seus aposentos, nem todos, alguns precisam ficar armados guardando patrimônio alheio, é assim que alguns ganham a vida. E eu pareço conectar-me melhor com o meu eu, em monólogos silenciosos, algumas vezes produtivos, noutras nem por isso, nem sempre há uma resposta para os meus devaneios incessantes. Poderíamos trocar pequenas sabedorias sem o risco da interrupção de qualquer um que desejasse

meus préstimos em determinada tarefa, assunto ou companhia.

Os dias passavam, e não traziam quase nada de novo, eu vivia passeando pela mesmice e incertezas vezes sem conta, na verdade, infelizmente eu me sentia confortável nela. *“Melhor uma luz a que já estamos habituados do que uma luz por se conhecer.”* Já pensei mergulhar no abismo do desconhecido? É arriscado! Alguns dizem até que é um tiro no escuro! Podes magoar-te a sério! Às vezes revela-se um caminho sem volta, a má sorte e o sentido de oportunidade têm seus relógios sincronizados, muitas vezes, quase sempre.

Enfim, andemos!

Eu era um jovem como outro qualquer, bem, alguns poucos quaisquer. Não muito ligado à futilidade, não tão íntegro, ególatra para alguns, um amor para metade dos meus amores, e um idiota tamanho XXL para a outra metade desses mesmos amores. *Spoiler!* Não sou um anjo! E até onde sei um deles foi expulso aos pontapés do paraíso! Que me seja perdoada a heresia! Penso que enquanto escritor tenho licença poética para isso!

Não me vou descrever fisicamente, porque *“quem se descreve se limita.”* É besteira... sim, essa

frase é uma besteira, porque cá para mim “é limitado quem não se descreve.” Já pensaste em falar bem de ti mesmo e abrir mão de modéstias aborrecidas que te acabam tornando numa pessoa aborrecida e desinteressante? Sim! Quem não se descreve, repele aqueles que outrora criaram certo interesse em si, apenas isso. E nas Rede Sociais encontramos belos espécimes que decidiram publicamente andar de mãos dadas com a abstinência da descrição pessoal, mas se isso é relativo? Talvez seja, mas sabes? Que se lixe!

E por falar em Redes Sociais, te lembrás quando eu disse que falaria da (des)conhecida mulher que roubou nosso precioso tempo para estarmos aqui lendo esse preto estampado nesse branco? Pois, cá vamos nós!

Como habitual consumidor de alguns dos prazeres hipnotizantes da globalização, vi-me naquele dia, de uma semana qualquer no mês de Setembro, a ver a lista de amigos que haviam reagido a uma publicação engraçada que havia feito, e dei por mim espantado com a reacção de uma bela quase estranha... sim, quase estranha... não era estranha porque coincidentemente frequentamos a mesma escola no ensino médio, e outra feliz coincidência foi termos frequentando a mesma turma no nosso primeiro e exclusivo ano da universidade. Se

acredito em coincidências? Sim, claro! Tal como acredito em amizade entre homens e mulheres, mas tenhamos em conta que *Nora Ephron* certa vez escreveu “*Homens e mulheres não podem ser amigos, porque o sexo sempre atrapalha.*” É só uma ideia.

E era estranha porque nunca antes a provar meus encantos e desvios salomônicos, nunca teve o preferencial privilégio de se deliciar dos meus beijos, minha poesia e minha quase indispensável companhia.

Em tom de pausa sobre essa (des)conhecida, ainda queres que me descreva ou estas poucas linhas foram suficientes? Bem me pareceu.

Voltando ao assunto, eu e ela nunca tivemos uma conversa com mais de três parágrafos, pelo menos não antes daquele dia em que a vi na lista de reacções da minha publicação. Eram somente diálogos baseados em saudações, e maioritariamente sobre assuntos ligados à escola, e embora não tivesse qualquer interesse em tais assuntos, muito menos nela, respondia por pura gentileza, metamorfoseado com a condição cavalheiresca que também possuo. Depois de ver essa mesma reacção puxei assunto com ela, quis mergulhar no seu mundo, e mergulhei. Queria e

consegui transformar as informações superficiais que tinha sobre ela, em alguma coisa mais substancial e significativa. Desde então, falávamos todos os dias, por muitas horas, os assuntos não eram melosos e enjoativos, falávamos inclusive de sonhos, eu sempre gostei de falar de sonhos. E ela tinha ambições, mas ambições de gente grande, o que contrastava com o tamanho dela. Não mais de 1,70 cm de altura, que se diga, assentava como uma luva com os meus mais de 1,80 cm de altura. Digam-me, ela não era ambiciosa?!

É pequena de estatura, reflecte alguma delicadeza, como se fosse feita da mais refinada e delicada porcelana, até seus passos poderiam transmitir certas dúvidas, mas não se engane, a subtilidade é tão apaixonante como perigosa. E ela é assim, quase assim, feroz, até mesmo para o tamanho dela, não só parecia como sabia bem o que queria, olhar penetrante que vinham daqueles olhos que várias vezes ficavam me contemplando enquanto eu discursava sobre uma filosofia barata qualquer. Aposto que ela nem se dava ao trabalho de tentar entender meus delírios cheios de razão, pensava eu.

Ela tinha mãos pequenas, encaixam perfeitamente nas minhas, e não era avantajada fisicamente, tinha aquele corpo meio tímido, não

tinha os peitos repletos de seja lá o que for, fosse o que fosse! Seu traseiro não era sequer um traseiro médio, era pequeno mesmo, mas o melhor veneno vem sempre em recipientes pequenos, tal como o doce veneno daquela semi-deusa, linda e provocante como *Afrodite*; destemida e implacável como *Ártemis*, e excitantemente inteligente, como se descendesse da deusa *Atena*.

E eu, finalmente, vi-a com os olhos de ver. Nada muito físico, nada efêmero, só emocional, só apaixonante. Que me prendia, e eu não dava por isso, ou fingia não dar por isso.

— *Hi* minha linda, *ça va*?

— *Oui mon amour, estoy bien, what about you?*

Apaixónámo-nos, namorámos durante uns belos meses, tínhamos essa mania desconcertante e estranha de misturar idiomas em algumas dessas nossas conversas aleatórias, algumas vezes até durante o sexo, olho no olho, era bom, estranhamente bom.

Foram longas semanas a abrir meu repertório de palavras bonitas, com algumas atitudes inusitadas pelo meio, para a conquistar, porque têm dito por ali que amor são atitudes, mas é verdade que as pessoas dizem muita coisa. Devo dizer que não foi fácil, tive que me espremer, retirar de mim toda

seiva romântica que me preenchia o peito, abri mão da minha doce liberdade, jurei fidelidade àquela deusa, caso me aceitasse como seu súbdito.

Antes disso, antes de embarcarmos nesse barco e sentarmo-nos no banco da frente, nem todos dias eram bons. Havia insegurança, de ambas as partes, ela não estava disposta a embarcar em só mais uma aventura, e eu, quase derrotado, começava a experimentar no meu paladar o gosto podre da rejeição, ela transmitia sinais confusos, diga-se. E eu conhecia bem a impaciência, éramos bons conhecidos, e ela colocou seus fortes braços sobre meus ombros e perguntou-me se valia a pena insistir em alguém que parecia e mostrava de facto não saber o que queria, cedi aos tais conflitos de decisão, decidi fazer meu caminho, sozinho, fingindo que estava tudo bem em ela não querer nada comigo, pelo menos não naquela altura, que para ela era um movimento precipitado.

Ela, essa semi-deusa, chamou por mim, observava-se o crepúsculo naquele dia, e ela vinha descendo, bonita como todas as vezes desde que aprendi a apreciá-la. A brisa trouxe os dias bons, libertámo-nos das correntes do medo e insegurança, abandonamos todo tipo de conversa razão, decidimos que valia a pena dar-mo-nos uma oportunidade, e assim aconteceu.

Endeusei aquela mulher, para mim, ela era mais uma deusa do mítico Olimpo.

OLIMPO

Venha conhecer-me, mulher

Venha navegar comigo nesse doce delírio

Faça-me estremecer

Desça do Olimpo deusa

Venha passear pelos átrios dos meus pensamentos quase são

Ouse abandonar suas certezas

Crie coragem para abraçar seus receios e a devassidão

Venha mesclar seus desejos libidinosos com os meus

Venha ostentar sua beleza singular

A curvatura que atrai olhares até do mais distraído deus

Venha roubar-me o ar

Ou eu mesmo subo até ali e disputo a sua mão com outros deuses

Tomo-lhe minha

Como todas as vezes.

Essa (des)conhecida chamava-se *Mona*, como a *Monalisa* do *DaVinci*. Perdoem-me apresentá-la só agora, mas ainda me faz perder em pensamentos sempre que falo dela, distraio-me, perco a noção do tempo, mesmo que ela não seja mais minha. Era tudo perfeito, ou no melhor dos casos, parecia ser isso, mas uma reviravolta estava prestes a tomar lugar nesse jogo viciante. Os dias foram tomados pela monotonia, sem perceber, fomos nós mesmos que deixamos a porta escancarada, e o monstro aproveitou-se dessa brecha, nossa relação parecia estar a descambar, parecia um pêndulo, sobre um fim que se revelava quase inevitável, mas eu ainda tinha uma palavra a dizer, só não sabia como dizer, senti que não seria o apogeu daquilo que tínhamos.

O sol se punha lá no vasto e cheio de segredos horizonte, e brindava o vasto céu com tons de laranja, que fazia parecer que o céu se tornara numa fogueira, num vasto azul que nunca parecia acabar. As nuvens carregadas de negro faziam sua peregrinação para onde suas vontades inconscientes as pudessem levar.

E eu estava lá, quietinho, observando, como se de um belo espectáculo se tratasse. E na verdade, era sim, na mente do artista até o simples movimentar e dispersar das nuvens representa arte, e eu venerava o Autor, cobiçava a inspiração. O

esplendor do sol enquanto nasce, ou a saudade que o mesmo provoca enquanto se põe lá no infinito horizonte, tudo é belo, tudo é arte. E por falar de saudade, lembrei da Mona, a minha Mona... quiçá ela pense em mim como eu nela penso, em todos os milésimos em que inalo oxigénio e liberto dióxido de carbono, aquele abraço de braços curtos que para mim é como um lar, aqueles ombros pequenos, que para mim são as mais confortáveis almofadas... o seu cheiro que traz à tona a lembrança de um desabrochar de rosas numa estufa qualquer, de uma manhã que liberara tão cedo seus primeiros raios de sol que rasgavam agressiva e impiedosamente a neblina que parecia não querer ir embora... e o seu sorriso descoordenado, desorganizado, e contraditoriamente tão perfeito, tão único, e tão singelo, que atroz provocava o meu, simpática, mas como em todo tempero, ela tinha também aquelas especiarias mais amargas, naturalmente; se citar cada uma dessas coisas não representa saudade, então, diga-me o que é... o que faço com esse saco de abstinências quando o que mais quero fazer é mergulhar nestes sentimentos e sensações?

Nunca gostei da distância, nunca gostei dos meus lábios longe dos dela, sempre preferi contar meus pensamentos devassos ao pé de seus ouvidos,

sempre gostei de sentir seu perfume encarcerado em minhas roupas depois de vários abraços de muitas noites.

Não podes ser o inverno mulher, de igual modo não podes ser o outono... és mais calorosa, mais receptiva; não és monótona como o branco da neve que tudo cobre com um ar possessivo, transbordas a cores, de certo não és como o outono que pinta de forma mortal vários tons de castanho as folhas das árvores; também não és como o verão, és mais amena, mais confortável. Serás tu como a primavera que surge com o gosto da esperança de começar de novo? Não sei, mulher, mas talvez também nem sejas a primavera, talvez sejas a soma de cada uma delas, cada uma das estações te emprestou uma qualidade, igualmente um defeito, o que culminou em deixar tudo perfeito, deusa...

O meu pai, *Silvestre Domingos*, sempre dizia para mim: “*Escreva! Só não pare de escrever!*” E ele certamente é um dos maiores artistas que tive o grande privilégio de conhecer e beber todos os dias da sua sapiência e maturidade literária. Por que é que o meu pai está a ser mencionado logo neste capítulo ligado às memórias de um apaixonado? Deves estar a perguntar-te. A resposta é simples,

quem sai aos seus não degenera, e filho de peixe peixinho é! E simplesmente não poderia deixar tais memórias perderem-se na dispensa empoeirada ou na memória que falha, então, trago-vos memórias de um apaixonado, um apaixonado que chamo de pai.

PARA TI

Arrasta-me à sombra da tua existência, a imaginação de ti me alenta, me acalenta. Quem és tu que meu pensamento não se cansa de evocar? Por quem meu coração se nega deixar de pulsar? Exalas essa fragrância natural, como um perfume espiritual que me embriaga, que me envolve, que cativa. Quanto mais me prendo em ti, mais quero cheirar, mais quero me prender...

Será a lua do teu olhar? Não sei se é pelos teus lábios que dizem: beija-me! Não sei se pelo teu corpo de escultura, de curvas sinuosas. Só sei que és toda uma tentação para mim, a tentação mais atraente de que não quero fugir. Te quero! Te quero tão inevitavelmente como o formar do crepúsculo para convidar o reinar da noite; como nuvem que se forma do vapor, nuvem que a brisa dissipa.

Quem és tu?

Tu que sufocas meu peito de saudades, saudades da tua ausência e até da tua presença?! Vem com teu sorriso terno e charme. Traz a cura para o sofrimento da minha alma.

Ao teu lado os sentimentos mais ocultos e adormecidos despertam, e um homem mau converte-se no mais refinado dos cordeiros. Porque uma mulher não é apenas bela pelo que se pode ver,

mas também pelo que ela representa, pelo que se pode sentir e cheirar, enfim, algo tão maravilhoso e complexo que a um palmo de distância não se pode conhecer.

Queira-me com avidez! Acenda em mim uma chama que o vento do desamor não apague nunca. Faz nascer em mim um arco-íris de emoções, para dar mais cor à minha vida. Sacia essa sede, essa minha fome de ti com teu amor, com teus beijos. Sim, beija-me com teus beijos quentes e doces, me abrace com teu abraço aconchegante. Me embale com teu olhar de ternura e mergulhe comigo no profundo mar de prazer sem fim.

Silvestre, 2013

PROCURANDO...

É imparável o tempo...

Os dias sucedem-se, não trazem novidades e eu sempre sozinho, querendo sair da solidão, sempre procurando...

Ando a procura de alguém que cante poesia nos meus ouvidos e que edifique meu despedaçado coração. Alguém que me devolva a vida. Procuo alguém que torne minhas tardes amenas, alguém que faça o que a lua e as estrelas não conseguem fazer, quando nas noites a solidão arrebatava todo meu ser, minha concentração, e eu buscando refúgio e consolo numa esperança minguante, moribunda.

Procuo-a em todas as esquinas, em todos lugares desta cidade. Incansavelmente esquadrinho ruas, palmilho todos os caminhos na ânsia de achá-la. Insistente é essa procura.

Ela não sabe que a procuro com desespero e esperança. Deve estar num sítio, algures, e não sabe que preciso dela aqui ao meu lado, para matar meus desejos sem fim, de todos os dias e de todas as noites. Deve estar viajando por Angola, em praias e feiras, no mato, sei lá...

Não deve ser baixa e nem muito alta. Não deve ser magra e nem gorda. Que seja simpática e bem-disposta para aguentar um tipo como eu. Se a encontrarem não a façam mal. Tratem-na com delicadeza e tragam-na junto de mim, porque é dela que ando a procura.

Silvestre, 1992

DESABAFO MUDO

Pedes que te fale, que abra minha alma para ti e me ofereces teu colo...

Mas que direi?

Pergunto ao firmamento luzidio de estrelas, buscando inspiração. Pergunto à incerteza e ao enorme vazio do meu «eu», à minha alma ressequida de tantos dissabores por não te possuir.

De que falarei?

Dos teus olhos de luar e do teu ser de magia de Novembro? Do «faz-faz» que teu corpo me diz? Falarei do fascínio, do charme que brota do teu corpo de escultura? Talvez da sensualidade, da elegância desse teu andar cadenciado, quiçá...

Falarei dos beijos que imaginei, mas que não ganhei da tua boca!? Da angústia e da tristeza de viver com um coração quebrantado, sempre que te esfumas na distância? Falarei dos sonhos que tenho sonhado de viver junto de ti, para o resto dos meus dias? Do sofrimento atroz de me sentir inferior perante tamanha graciosidade?

Não!

Não queiras que te fale das noites tenebrosas, noites monótonas e frias, sem teus

abraços. Não queiras que te fale das saudades padecidas em cada instante da solidão. Não queiras que te fale das lágrimas derramadas quando o desespero tomou conta de mim. Não queiras que te fale do desejo contido nas noites de luar que não te amei. Não queiras que te conte das insatisfações colhidas, das amarguras vividas em cada momento desta vida sofrida. Não queiras que te conte da minha inveja pelos amigos felizes pelos seus amores.

Não queiras que te conte. Queiras antes que me cale, pois, o meu silêncio possa, talvez, muito mais falar que as minhas pobres palavras.

Silvestre, 2002

MISS COQUETERIA

Passas, cruzas meu caminho, espalhando essa beleza esvoaçante, provocante. Tens o corpo sedutor como maçã da criação. Eu aprecio teus passeios, sim, alguém tem que estar aí para te admirar. Faço minha aposta se essa beleza facial e escultural se adeque a interior.

Vai passando, mulher, feito miss em passarela que eu abanco ao júri. És linda, maravilhosa de se ver. Me provoca que eu gosto. Adoro apreciar-te com estes meus olhos lânguidos, famintos do melhor que há para se ver. Com desejo contido, sufocado no peito. Com ânsia de saborear tua boca, teu corpo...

Passeia, toda majestosa e jovial, é tua a passarela, é teu o júri, é tua a plateia. A vitória é tua conquista, está tudo no papo, até mesmo a minha resignação. Rendido estou perante tanta beleza. Sim, vai exibindo esse corpo, esse material quase perfeito, enquanto não chegam os dias em que se evitam os espelhos...

Teus olhos refulgem a própria sensualidade. Teu andar cadenciado revela a elegância da mulher feita, qual fruta madura que tem que ser colhida e saboreada, antes que os pássaros e bichos a estraguem.

Vai espalhando tua beleza, teu charme e vaidade. Estás no tempo, no auge, o momento é teu. És essa criatura singela que sem falas e sem gestos, convida carícias, atrai atenções, num jeito magneticamente romântico. Luzes de ribalta realçam a tonalidade de jambo da tua pele. Tua beleza singular exalta a sabedoria do Criador. Pena é não saberes o quanto me cativas, o quanto despertas o desejo em mim, seu admirador confirmado, sua plateia e júri parcial.

Mas vai chegar o dia em que saltarei dessa barreira de mesa de júri para te agarrar e descarregar em ti, com reconhecida e desmedida paixão, todo o sentimento possível que despertaste em mim, ao longo das tuas passeatas em passarela, de passo cadenciado e elegante, de teu traseiro gingado, de teus gestos sensuais... sem luzes de ribalta, sem tapetes, nem plateia. Sem flashes descaradamente curiosos e destruidores de privacidades. Então, me alimentarei do suco dos teus lábios, palmilharei com delícia e bom gosto o teu corpo... sim, deste corpo que ainda é meu sonho.

Silvestre

X

CATALISADOR

É um processo longo, demorado, complexo e abundante em mudanças físicas e psicológicas o que levamos aquando do objectivo final que é conhecermo-nos como pessoas, um meio para atingirmos determinado fim. Mas é um fim mesmo? Porque há quem diga que não nos conhecemos totalmente. As situações ou as circunstâncias em que somos inseridos diariamente revelam-nos ou trazem-nos à tona um pedaço do que somos ou potencialmente podemos ser, circunstâncias são catalisadores de comportamentos e\ ou atitudes do indivíduo em questão.

Diz o dicionário universal: *“catalisador, substância que tem a propriedade de acelerar ou retardar a velocidade de uma reacção química sem se alterar no decorrer deste processo; o que provoca a catálise.”*

Poderíamos ser catalisadores, mas a verdade é que nos alteramos ao longo do processo do fim que poderemos atingir, mas que se lixe! Ignoremos essas convenções! Somos verdadeiros agentes químicos! Somos sim! Temos a capacidade de fazer as coisas acontecerem, algumas vezes ou na maior

parte das vezes, no tempo que desejarmos ou bem entendermos! O poder pode estar em nossas mãos e talvez ainda não tenhamos percebido, é pois mais difícil ainda enxergarmos as coisas que estão debaixo do nosso nariz. Procuramos fora o que podemos encontrar aqui mesmo em tudo que temos à nossa disposição, à nossa volta, a relva do vizinho pode sim ser mais verde do que a nossa, mas ele não deve pensar o mesmo da nossa relva? Sugestivo não? Pois! Estamos distraídos observando os outros e temos falhado em contemplar-nos aos nós mesmos, também somos uma bela paisagem, talvez só não tenhamos ainda olhado para nós com os olhos de ver.

Nossa realidade é muito diferente das de outras regiões do mundo, ou noutros países. São poucos pais que ensinam os filhos questões ligadas ao amor próprio aqui na nossa sociedade. São nossos pais que deveriam ensinar-nos que nós somos nossos próprios agentes da mudança e não o governo ou as outras pessoas, a mudança começa connosco, dentro de nós! Enquanto filhos olhamos para nossos pais e chegamos à infeliz conclusão que nossos pais falham, depois crescemos, construímos nossa família, então a lei do retorno faz-se sentir, olhamos para nossos filhos e concluimos que nossos filhos também falham. Escolhemos nossos

amigos e o nosso clube do coração, mas ninguém escolhe seus pais. Ainda bem, se não teria escolhido mal.

A vida é um livro em branco, cada um é responsável por escrever nestas mesmas páginas desde o momento que se conhece como pessoa. A história é tua, tu determinas o número de páginas, tu misturas géneros, tu colocas uma pitada de drama, comédia, aventura, e por que não romance? Tu adicionas e retiras personagens de cada capítulo, alguns saem até por conta própria, entende-se. Tu és o gestor e realizador dos episódios que tu vais vivenciando diariamente. Os dias serão maus, os dias vão testar o quão forte tu podes ser. Às vezes tu te vais sentir perdido, às vezes vai bater aquela crise existencial, teus capítulos serão dolorosos de se escrever, mas é quando o jogo é difícil que o melhor jogador se deve impor e mostrar que é digno de respeito, admiração, e por que não de aplausos? Deveras! Adicionem aplausos ali! O mundo não é espaço para os que são somente sonhadores, o mundo prefere aqueles que realizem tais sonhos, o mundo é intolerante às lamentações constantes, o mundo sempre preferiu exaltar lutadores. Os temperos e as especiarias são seus, prezado *Chefe*, cozinha teu

melhor prato! Delicia-te! Ou pelo menos, vive tentando fazê-lo!

Tira da cabeça que as coisas melhoram num estalar de dedos, não ouse sequer pensar que os dias maus desaparecem como a neblina que numa hora chega e na outra vai embora, tu vais ter que ralar muito, vais te ferir e deixar muito sangue, suor e lágrimas nesse trajecto, nesta jornada. E se por momentos deixares de acreditar em ti, então, tu morres aos bocados, teus medos e aflições te vão consumir e não vão deixar nada em ti a não ser um punhado de frustrações. Não larga a tua fé, seja ela em Deus ou em ti, não deixa de agir em conformidade com a mesma fé, tu só saís a ganhar.

Para e faz uma auto-análise, mergulha dentro de ti, o que te aflige? O quê é que queres fazer para mudar o quadro? Depende apenas de ti ou de terceiros? O que há de errado com o teu *modus operandi*? Certa vez acordei, sentei-me à cama e disse a mim mesmo, *“O que falta Selton? O que se passa contigo? Parece estares a afundar! Estás a afundar, mano!”* No momento não consegui responder a mim mesmo, terminei de escrever o livro e ainda sinto que não consigo responder tal questão, porque parece que os fantasmas ainda não morreram, no melhor dos casos, saíram para uma pausa, quiçá para tomar um pouco de ar ou

até mesmo fazer um lanchezinho, a verdade nua e crua é que enquanto seres humanos, somos um poço de problemas, mas tem sempre alguém ali para nos inspirar. Um jovem que eu não conhecia nem ele a mim, identificou-me num *post* no *Facebook* dizendo que não me conhecia, mas poderia facilmente ter certeza de que eu era uma grande pessoa. Fez-me tão bem ler aquilo que mudou minha disposição naquele dia incolor, às vezes o arco-íris vem de quem menos esperamos, e o meu veio daquele jovem des(conhecido).

Tal como eu já disse anteriormente, várias vezes senti a enorme vontade de desistir de escrever este livro, mas não poderia mais deixar as coisas pela metade, já bastava o monte de coisas que abandonei pelo caminho, as coisas que empilhei no armário empoeirado das minhas frustrações e desses sonhos que se tornaram em navios naufragados nestes vastos oceanos que chamamos de realidade, não poderia mais abrir mão de um sonho, que por sinal, o último que me sobrava nos bolsos, não poderia mais, simplesmente não poderia. Na vida é assim, não desista dela só por estares a viver uns maus bocados, se vires o final da história a mesma perde a emoção.

Então, este é o meu desafio, busca aquele teu sonho do qual tu ainda não desististe e guardaste

no teu âmago, como um segredo de confissão entre o teu espírito, mente e coração, segura ele com duas mãos, investe nele, bate portas para o concretizar, tu és catalisador de energias positivas, os teus actos influenciam e inspiram pessoas, acordam sonhos já adormecidos. Então, vamos a isso!

Na escrita desse mesmo livro que é a vida às vezes dá aquele branco, aquele bloqueio criativo. O *brainstorming* abandona-te, como se de ti já estivesse farto, e de nenhuma forma o poderás satisfazer, e ele igualmente não te pode mais fazer sonhar ou viver um pouco mais do que a rotina acinzentada que tens vivido nesses vários dias quase parecidos. O que difere os dias é só a data, os pensamentos auto-destrutivos e desinspiradores, são os mesmos, e ainda dentro do mesmo recipiente são os mesmos problemas que te roubam a alegria. Só os sonhos da madrugada é que te fazem fugir da mesmice por algumas horas contadas antes que o galo comece a cantar, por lá tu podes fazer o que quiseres, tu podes ser quem tu quiseres, não há bloqueios nem limitações, não existem loucuras por lá ou o bem e o mal, existe apenas o fazer e o não fazer, separados por uma linha ténue chamada vontade inconsciente. És um deus por lá, detentor do poder da criação que passa

antes pelas veredas da imaginação. Um tipo como eu gostaria de viver assim, tirar isso tudo do lado inconsciente do meu ser e jogar nas brasas do consciente, aliar o autor intelectual ou imaginário ao autor material ou o que faz, de facto, as coisas acontecerem.

Queria deixar-me levar como uma folha de uma árvore qualquer ao vento, subir nas costas largas das palavras e deixa-las levarem-me onde quer que elas quisessem, ser um refém voluntário, estar a mercê de qualquer coisa como uma *síndrome de Estocolmo*, deixar-me envolver por elas, não usar as palavras mas deixar que elas me usem, eu queria ser uma folha de papel, nada tão puro como ela, ser de quem chegar primeiro, entregar-me ou estar sujeito à leviandade de quem me quiser e me tomar para si, porque somos o resultado das coisas com que lidamos, e o que chegar primeiro é o que cultivamos em nós e para nós. Porém, talvez já o seja, uma folha.

Queria também ter a liberdade de não existir, repousar para sempre nas fontes tranquilas e verdejantes da não existência, abrindo mão de viver pelos outros, abdicando de camuflar vontades alheias com a desculpa mascarada e por que não esfarrapada de ser uma pessoa socialmente “correcta”, e deixar de viver encarcerado nas celas

escuras de desejos de aceitação e aplausos alheios, que também são as cordas com as quais nos enforcamos todos os dias, tornámo-nos em nossos próprios carrascos. Viver tem sido mau, permitam o paradoxo, tem sido muito bom também, diga-se de passagem, mas seria um tanto agradável se nos mostrassem os botões das opções, viver ou não viver, existir ou não existir, porque coexistir tem sido amargo demais para muitos de nossos paladares.

Repara que podemos sim ser catalisadores para o bem ou até para o mal na vida de outras pessoas, bem posso dizer que isso é um facto! A palavra “viver” é mencionada por mais de cinquenta vezes neste livro, parece que vivemos para os outros, vivemos para servir os outros! Porque quem não vive para servir não serve para viver.

“O sol nunca brilhou para si mesmo

A chuva nunca molhou a si mesma

As flores nunca exalaram seu perfume para si mesmas

Talvez a regra da vida seja viver pelos outros.”

- Anónimo

A partir do momento em que a vida é um livro isso deve fazer de nós todos escritores. Cada um sendo

responsável por preencher as linhas de suas páginas com parágrafos, sejam eles bons ou menos bons. Faz mais sentido agora pensar que todo homem apaixonado vira poeta. Ao que parece, a poesia repousa dentro de todos nós, hiperbolizando.

Muitas vezes já me perdi em parágrafos enquanto os ia escrevendo. Impacientemente tive que voltar ao início do respectivo capítulo, para me encontrar, para organizar minhas ideias e para buscar o foco há muito perdido, uma vez uma amiga disse para mim que por ter muitos objetivos algumas vezes perco o foco do que realmente interessa. À semelhança da vida, várias vezes me encontrei em dilemas, em perguntas que pareciam não existir respostas feitas para elas, tive que recuar para saber onde falhei e fazer uma introspecção, dar um ou mais passos atrás se necessário, isso não é mau de todo, não há nada do que se envergonhar nesse acto corajoso, até as árvores precisam ser podadas para que dêem os melhores e mais suculentos frutos, para que produzam flores mais bonitas e sombras bem maiores.

Então, tu precisas apagar o texto ou os versos que tens escrito quantas vezes forem necessárias, isso não faz de ti o pior dos escritores, quiçá o mais prudente até! Clubes de futebol descem de divisão

algumas vezes, para a segunda, até mesmo para a terceira divisão, e quando voltam a subir para a primeira divisão vencem campeonatos. Exemplo disso é a *Juventus* da Itália, havia descido para a segunda divisão e desde que subiu à primeira divisão vem vencendo o campeonato italiano já há oito anos, simplesmente não tem dado espaço às outras equipas, ou como é dito na gíria “*não há pente para carecas!*”.

Um passo atrás não é sinónimo de derrota e nem um acto de covardia, isso é coisa de gente grande, mesmo quando é involuntário, o que determina se o passo atrás é benéfico ou proveitoso é a grandeza do teu ser, é a vontade de queres vencer, pensa como um vencedor e a vida tratar-te-á como um. E não, não me tornei teu *coach* motivacional (Risos).

O tempo é amigo de quem o respeita, e a vida gosta e é generosa com quem gosta dela...



SOBRE O AUTOR

Salomão Selton Jaime Domingos é solteiro, nascido aos 17 de Novembro de 1996, no Município do Lubango, Província da Huíla.

Técnico Médio de Ciências Económico-Jurídicas (2014).

É estudante do 3º Ano, no Curso de Ensino da Língua Inglesa do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA). Seu lado artístico começou a se fazer notar em 2013 com algumas poesias escritas e uma narrativa com o título “O baile de finalistas”, mesma obra que concorreu para um concurso escolar no ano de 2014. Enquanto artista também tem trabalhos musicais, um EP intitulado “Retratos”, no género RAP. É apaixonado por futebol, música e literatura, não é vinculado à qualquer organização.

Um dia Escrevo um Livro

Autor: Salomão Selton Domingos

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a
Salomão Selton Domingos

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na
"**SADC**"

=====

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA
ÁFRICA AUSTRAL**

Esta obra está sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais –
Não é permitido modificar esta obra.
Não pode fazer uso comercial desta obra.
Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor

